

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

AMAURY SOARES DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

RACISMO ESTRUTURAL E O DISCURSO DE ÓDIO EM REDE

RECIFE - 2022

AMAURY SOARES DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

RACISMO ESTRUTURAL E O DISCURSO DE ÓDIO EM REDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de concentração: Análise Dialógica do Discurso.

Linha de pesquisa: Processos de organização linguística e identidade social.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pereira Daróz

A345r Albuquerque Júnior, Amaury Soares de.

Racismo estrutural e o discurso de ódio em rede /
Amaury Soares de Albuquerque Júnior, 2022.
77 f. : il.

Orientadora: Elaine Pereira Daróz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências
da Linguagem, 2022.

1. Análise do discurso. 2. Discurso de ódio na internet.
3. Twitter (Rede social on-line). 4. Racismo. I. Título.

CDU 801

FOLHA DE APROVAÇÃO

AMAURY SOARES DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

**A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DA CIDADE DO RECIFE PELAS
PÁGINAS DA REVISTA A PILHERIA NOS ANOS DE 2024
RACISMO ESTRUTURAL E DISCURSO DE ÓDIO EM REDE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem.

Data de Aprovação – 29 / 04 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Elaine Pereira Daróz (Orientadora e Presidente da Banca)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Prof. Dr. Ronny Diogenes de Menezes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Dedicatória

O homem preto que hoje sou vem como um rompante do espaço e do tempo saudar a criança preta que um dia fui:

Querido menino, conservei tuas memórias e os teus valores. A ti dedico esse grandioso feito, pois lembrei das tuas lágrimas e ainda mais do teu riso. Hoje nos fizemos mestres e rimos de nós para nós com aquele olhar sereno que temos. Obrigado por não te ires de mim. Nossa negritude ecoará para sempre.

A mim.

Agradecimentos

Cursar o mestrado foi desafiador para além do que se espera que seja, particularmente. Surpresa ou não, o fato é que em alguns momentos fora quase demasiado difícil lutar contra a minha própria vulnerabilidade para materializar um sonho que há anos eu estive me preparando. Não obstante, eu consegui.

Assim, expresso aqui em poucas palavras, ao celular por ligação, pelas breves mensagens de WhatsApp, no afago ao abraçar, no olhar companheiro, em oração... toda a minha gratidão a vocês que contribuíram cada um à sua maneira para que eu realizasse este sonho.

Primeiramente a Deus, por toda misericórdia e bondade. Seu amor me salva todos os dias.

Minha mãe e meu pai, sra. Adalgisa Melo e sr. Amaury Soares, especialmente a eles, mulher preta e homem preto, trabalhadores, resistentes e de uma força inspiradora. Eles merecem toda honraria.

Ao meu querido Juan Jessé, que esteve e está comigo segurando todas as pontas e barras, mesmo quando estava difícil, ele esteve presente para que eu pudesse realizar o nosso sonho.

A minha madrinha, Maria José Pereira Gomes, professora Zezinha; e ao meu amigo Nivaldo Belo. Estiveram junto a mim no processo seletivo, e durante todo o percurso acadêmico, além de terem sido mãos de apoio, de fazer tudo ir até.

Minha amiga e comadre, Rita de Cássia. Pausa para emoção. O incentivo, da graduação até aqui, ajudou muitíssimo no meu processo de resistência.

A minha amiga Lúcia dos Prazeres, presente que a Unicap me deu, símbolo de resistência e perseverança, somos avó e neto adotivos um do outro.

E, finalmente, a minha orientadora e coordenadora PPGCL UNICAP, Elaine Daróz e Isabela Barros. Com elas eu pude conhecer o processo de humanização de um programa de pós-graduação.

O meu obrigado.

RESUMO

Objetiva-se com esta pesquisa analisar o discurso de ódio racista no Twitter-X pela *hashtag* #VidasNegrasImportam, atentando para os processos de desvalorização da causa afirmativa contra o racismo estrutural no Brasil. Demonstrar como as comunidades discursivas estão organizadas no ambiente *online* de forma a corroborar para a construção de discursos de ódio racista dentro da rede social. Discutir como a dialogicidade está interligada ao processo enunciativo de usuários do Twitter-X que têm o discurso de ódio como elemento constituinte da sua fala. Como processo metodológico, os enunciados serão analisados pela perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, visando o processo interacional que constituem os sujeitos a partir das práticas enunciativas. Tendo em vista que entendemos a construção do discurso de ódio racista como um método de opressão pelo discurso e pela estrutura racista das relações, levaremos em consideração os estudos acerca de “Racismo Estrutural”, proposto por Silvio Almeida, (2019). E noções bakhtinianas sobre os aspectos da linguagem, sua visão dialógica, de posicionamento axiológico dos interlocutores. Foram utilizadas as obras Problema da Poética de Dostoiévsk (2010), dialogismo, polêmica; Gêneros do Discurso (2016), gênero discursivo, signo ideológico, heterodiscurso; e Marxismo e Filosofia da Linguagem, de Volóshinov (2018), enunciado, polêmica; para embasar as categorias base desta pesquisa. Tentamos, deste modo, responder a pergunta norteadora: Em que medida o racismo estrutural impulsiona o discurso de ódio nas interações em rede social? O resultado traz à tona o descaso com a vida das pessoas pretas no Brasil, não somente por pessoas numa relação de poder visivelmente superior, mas alcança uma proporção discursiva que ignora até mesmo o direito à vida que temos todos nós, sobretudo as crianças e adolescentes. Como contribuição desta pesquisa, é possível identificar um olhar para as causas raciais sob a perspectiva da linguagem; além de apontarmos para o entendimento do dialogismo em uma esfera mais complexa e amalgamada nas interações sociais.

Palavras-chave: Racismo Estrutural, Análise Dialógica, Discurso de Ódio, Twitter-X.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze racist hate discourse on Twitter-X within the hashtag #BlackLivesMatter, focusing on the processes of devaluing the affirmative anti-structural racism movement in Brazil. The study examines how discursive communities are organized in the online environment to contribute to the construction of racist hate discourses within Twitter-X. It also investigates how dialogicity is interconnected with the enunciative process of Twitter-X users who incorporate hate speech as a constituent element of their discourse. As a methodological approach, the statements will be analyzed from the perspective of dialogic discourse analysis, aiming to understand the interactivity that shapes individuals through enunciative practices. Recognizing the construction of racist hate speech as a method of oppression through discourse and the racist structure of relationships, the analyses will take into consideration studies on "Structural Racism" proposed by Silvio Almeida (2019). Bakhtinian concepts related to language aspects, dialogic vision, and axiological positioning of interlocutors will also be integrated. The works "Problems of Dostoevsky's Poetics" (2010), "Speech Genres" (2016), and "Marxism and the Philosophy of Language" by Voloshinov (2018) were used to establish the foundational categories of this research. The findings highlight the disregard for the lives of Black individuals in Brazil. This disregard is not only perpetuated by individuals in visibly superior power positions, but it extends into a discursive proportion that even ignores the right to life that all of us possess, especially children and adolescents.

Key-words: Structural Racism, Dialogic Analysis Discourse, Hate, Twitter-X.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração da Cosmovisão Dialógica Bakhtiniana	42
Figura 2 – Busca avançada do Twitter-X 1	44
Figura 3 – Busca avançada do Twitter-X 2	45
Figura 4 – Busca avançada do Twitter-X 3	46
Figura 5 – Contexto Discursivo 1 – George Floyd e João Pedro.....	50
Figura 6 – Contexto Discursivo 2 – Lucas Viana e Marcos	55
Figura 7 – Contexto Discursivo 3 – Sport Club Internacional e interlocutores.....	59
Figura 8 – Contexto Discursivo 3.1 – Sport Club Internacional e interlocutores.....	63
Figura 9 – Contexto Enunciativo 4 – Sérgio Camargo e André	65
Figura 10 – Contexto Enunciativo 5 – Deputada Isa Penna e Paula.....	69
Figura 11 – Contexto Enunciativo 6 – Deputada Mônica das Pretas e Lúcio	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O RACISMO ESTRUTURAL	15
2.1 O movimento Vidas Negras Importam	17
3 A COSMOVISÃO DIALÓGICA DE BAKHTIN E VOLÓSHINOV	19
3.1 Dialogismo: algumas noções dos estudos da Filosofia da Linguagem	21
3.1.1 <i>Linguagem</i>	22
3.1.2 <i>Signo ideológico e a palavra</i>	23
3.1.3 <i>Enunciado</i>	26
3.1.4 <i>Heterodiscurso</i>	28
3.1.5 <i>Polêmica</i>	29
3.1.6 <i>Axiologia</i>	32
3.2 Outras considerações dialógicas	33
4 O DISCURSO EM REDE	36
4.1 Comunidades discursivas	38
5 METODOLOGIA	40
5.1 Recorte temporal	43
5.2 Processo de coleta de dados	43
5.3 Critérios de inclusão	47
5.4 Preservação da identidade dos sujeitos contribuintes	47
6 O DISCURSO DE ÓDIO RACISTA NO TWITTER-X E A MANUTENÇÃO DA OPRESSÃO DE PESSOAS PRETAS	48
Versão da família e moradores	60
Versão da polícia	60
6.1 Convergindo pontos importantes	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

Uma das necessidades básicas dos sujeitos é a comunicação por meio da interação com o outro para que juntos produzam sentidos diferentes, e até mesmo divergentes, a depender dos ideais de cada um. A linguagem é um fenômeno natural inerente aos sujeitos e os permite a expressão e ressignificação de si e do mundo. As possibilidades de manifestação da linguagem estão cada dia mais complexas e, por isso, ganham cada vez mais espaço e estão presentes em novos canais de interação.

O advento da internet trouxe a possibilidade de explorar o potencial da linguagem dentro de um ambiente virtual, seja aperfeiçoando formas de interação já existentes, seja propiciando novas formas de os usuários da internet interagirem imersos na esfera digital. Atualmente, as relações sociais podem acontecer através de uma virtualidade em rede, por meio das redes sociais, e a isso acrescentem-se os vários níveis de intensidade dessas interações possíveis em rede. Essas relações também fazem parte de um processo que vai se aperfeiçoando com o tempo dentro do complexo ambiente da esfera online.

Nas redes sociais, os discursos são compartilhados em forma de postagens, que podem ter interação com os discursos de outros usuários. Esta interação pode acontecer de várias formas, desde uma simples curtida até discussões mais prolongadas nos comentários que se referem às postagens dos usuários da rede. O *Twitter-X*¹ é um dos exemplos de rede social cujos usuários podem conectar-se e desenvolver diálogos publicamente a partir de postagens de outros usuários.

Essa interação entre os usuários acontece através dos seus discursos e do uso das *hashtags*, que impulsionam o discurso por toda a rede social através de algoritmos, criando um ponto, um contexto, por isso, é possível uma Análise Dialógica do Discurso (ADD). Segundo Bakhtin (2018), quando um discurso é atravessado pela fala do outro, acontece uma interação entre os interlocutores a qual ele chama de dialógica. Essa relação dialógica parte do ponto em que os enunciados

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/24/por-que-elon-musk-resolveu-trocar-logo-do-twitter-por-x.shtml>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

se confrontam, se encorpam e ganham força ou enfraquecem quando entram em contato com a fala do outro. É justamente assim que acontecem as interações na rede social do *Twitter-X*.

Esse fenômeno interativo presente no *Twitter-X* pode ser analisado do ponto de vista dialógico que compreende que cada enunciado é formado por uma rede de outros enunciados e (BAKHTIN, 2015), leva em consideração a interação entre os discursos para a constituição dos sujeitos a partir das relações dialógicas (BAKHTIN, 2018). Então, uma postagem, um *tweet* compartilhado na rede poderia ser analisado dialogicamente apenas pelo processo enunciativo contido na própria mensagem e/ou pelo discurso de outros usuários que interagem com a publicação do inicial em forma de comentários. Nossa pesquisa analisará o discurso de postagens e os discursos dos comentários das postagens de interlocutores que interagiram a partir da *hashtag* #VidasNegrasImportam, no *Twitter-X*, com foco nos discursos de ódio para tentar responder: Em que medida o racismo estrutural impulsiona o discurso de ódio nas interações em rede social?

A subjetividade é complexa e, por isso mesmo, é natural que os posicionamentos estejam em acordo com essa individualidade, ou nem sempre estão em concordância com os interlocutores. Em rede não acontece diferente, os vários posicionamentos atravessam os discursos confrontando opiniões, fatos, relatos, dados. Esse desacordo entre os interlocutores pode acontecer de forma amistosa, afinal, é possível que os ideais não se afinem, mas nem sempre esse desacordo é respeitoso. O que poderia ser um confronto saudável de ideias, uma aprendizagem com posicionamentos diferentes, pode tornar-se um embate violento, depreciativo e opressor.

Os posicionamentos podem ser utilizados para deslegitimar o discurso de outrem, sim, mas principalmente a identidade de outrem. O discurso de ódio tem o caráter de apagamento, de calar a voz do outro, ele impede que grupos sociais tenham direitos reconhecidos de forma igual ou que suas causas sejam reconhecidas como importantes para a sociedade. Tratar de discurso de ódio é estar atento ao processo de sair de uma esfera melhor delimitada, como a violência verbal, e adentrar um campo mais instável, pois muitas vezes é classificado como opinião, como mostra-se à diante, e encontra suposta legitimidade no que se denomina liberdade de expressão;

mas opressão não é liberdade, pois o direito de expressão de alguém não deve aniquilar a liberdade de outrem.

Quando se materializa o discurso em um campo líquido como a internet, (BAUMAN, 2001) com várias possibilidades de anonimato e encontro com discursos totalmente contrários ao que se defende, a possibilidade de o usuário das redes sociais expressarem seus anseios fica bastante atraente nesse contexto. O caminho até perceber a força que existe em um discurso de ódio e as possíveis consequências em decorrência de falas que oprimem grupos sociais envolve questões limítrofes bastante subjetivas, como perceber até que ponto o discurso é apenas um posicionamento contrário e quando se torna um discurso neutralizador, por isso, pode ser um percurso longo. Perceber os elementos dos discursos que legitimam opressão e violência dos direitos de grupos minoritários é uma capacidade de interlocutor para interlocutor, que envolve percepção crítica, conhecimento de mundo, dos direitos sociais, exigindo um conhecimento libertador.

Nesse contexto, objetiva-se com esta pesquisa analisar o discurso de ódio racista no *Twitter-X* nas *hashtags* #vidasnegrasimportam, atentando para os processos de desvalorização da causa afirmativa contra o racismo estrutural no Brasil; Demonstrar como as comunidades discursivas estão organizadas de forma a corroborar para a construção de discursos de ódio racista dentro do *Twitter-X*. E discutir como a dialogicidade está interligada ao processo enunciativo de usuários do *Twitter-X* que têm o discurso de ódio como elemento constituinte da sua fala.

Como processo metodológico, os enunciados foram analisados pela perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, visando o processo interacional que constituem os sujeitos a partir das práticas enunciativas (BAKHTIN, 2010; 2016). Tendo em vista a construção do discurso de ódio racista como um método de opressão pelo discurso e pela estrutura racista das relações, as análises levarão em consideração os estudos acerca de “Racismo Estrutural”, proposto por Silvio Almeida, (2019).

Na sessão três, logo após os processos metodológicos, será abordado o conceito de racismo estrutural, as formas como o discurso estrutural racista pode ser apresentado no meio digital, concepções de discurso racista e antirracista fazendo uma breve descrição dos aspectos dialógicos nesse campo do discurso com o

propósito de entender como as relações dialógicas são afetadas pela construção de enunciados construídos sob a perspectiva antirracista, bem como sob o prisma do discurso racista.

Na sessão quatro encontram-se as noções bakhtinianas sobre os aspectos da linguagem sua visão dialógica, de posicionamento axiológico dos interlocutores. Foram utilizadas as obras Problema da Poética de Dostoiévsk (2018) sobre dialogismo e polêmica; e Gêneros do Discurso (2020) sobre gênero discursivo, signo ideológico e heterodiscurso para embasar as categorias base desta pesquisa.

Discutiremos na sessão cinco sobre o discurso em rede levando considerando o potencial alcance de comunidades discursivas e suas práticas dialógicas dentro do contexto online. Discutimos como essas relações são lançadas no ambiente virtual para que possamos entender a dimensão de discussões na *hashtag* #VidasNegrasImportam.

E, finalmente, foram analisadas algumas postagens sobre o discurso de ódio racista no Twitter-X pela perspectiva da ADD com o objetivo de discutir a relação que a dialogicidade das comunidades discursivas analisadas tem com o discurso de ódio racista materializado no campo das postagens da rede social do *Twitter-X*.

2 O RACISMO ESTRUTURAL

Este percurso é importante para que, quando se olhe para o discurso, seja possível perceber que práticas discursivas racistas podem mostrar uma relação dialógica entre as comunidades discursivas, que são grupos de pessoas que se afinam com os mesmos ideais nas redes, capaz de evidenciar sua dialogicidade, visando manter o poder centralizado ou mesmo a naturalização de se continuar praticando o racismo de forma indiscriminada, apoiando-se em parâmetros estruturais.

Almeida (2019) explica que todo racismo é estrutural, logo o racismo institucional e as práticas individuais racistas também os são. Ele postula que o racismo institucional é uma prática de poder, que tem como objetivo manter a hegemonia das instituições nas mãos de pessoas que detêm tal poder institucional sobre outros grupos distinguidos pela raça. Para o autor,

o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter *sistêmico*. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade se produzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2019, p. 34).

Deste modo, destaca Almeida (2019), pensar o racismo no âmbito individualizado, institucional ou estrutural é sempre pensar de forma estrutural. Isso porque as ramificações do racismo engessam condições de privilégios e desvantagens a grupos distinguidos pela raça, e são condições que limitam e alçam esses grupos a partir de uma discriminação que a estrutura de poder tenta naturalizar.

Almeida (2019) distingue o racismo individualista e atenta para o descuido de limitar a definição de racismo a uma prática tão somente discriminatória de um único sujeito, ou seja, um caso isolado

Quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados 'homens de bem' (2019, p. 37).

O autor defende que uma forma efetiva de combater o racismo é através da força da Lei, dos direitos. Para Almeida, garantir os direitos de todas as pessoas de forma justa seria um caminho para impedir o avanço do racismo, uma vez que todas as pessoas pudessem ser enxergadas sem discriminação, pois este é o intuito da lei. Não é sugerido, contudo, que não exista justiça no Brasil contra o racismo, mas o autor aponta para um pragmatismo efetivo capaz de cumprir as demandas legais acerca das práticas racistas, ou seja, dar a devida importância aos casos de racismo.

Tratando ainda desse comprometimento em não se lançar de forma indevida em um tema que precisa de métodos diferentes de análises para que seja compreendido talvez não em sua totalidade, mas na direção certa, apontamos também o método de Jessé Souza, (2021), sobre o racismo estrutural quando ele diz que

para sabermos o que é racismo, temos que reconstruir e compreender as formas históricas de moralidade, ou seja, compreender as concepções de justiça inarticuladas e pré-reflexivas que existem em qualquer contexto social e motivam, em última instância, a totalidade do nosso comportamento social e político. Apenas desse modo poderemos compreender o racismo ou os racismos como um processo de distorção, repressão e negação de demandas morais consideradas justas no contexto de uma sociedade concreta (SOUZA, 2021, p. 48).

É certo que no discurso do autor não há outros caminhos para percorrer se não lançarmos olhos sobre moralidade nesse contexto sócio-histórico, no entanto, o nosso intuito é acolher as contribuições de suas perspectivas, absolutamente pretenderíamos discutir verdades absolutas, mas nos encaminhamos para uma concepção plural, ao unirmos os ideais, para entendermos as nuances do racismo estrutural sem pender para a leviandade.

Souza chama atenção para como as formas de moralidade moldam o comportamento social e imputam normas morais que são engessadas nas comunidades, a exemplo da desigualdade social, grandes fortunas sob a custódia de poucas pessoas enquanto a grande maioria vive inseguranças básicas como a alimentar, tudo isso num processo de reprodução que aponta indícios de que essa configuração social está normalizada (SOUZA, 2021, p. 50-55).

O autor alerta para o fato de que o racismo estrutural, então, deveria ser avaliado e/ou entendido em detrimento da moral social, porém, as relações de poder

no processo de manipulação dominante conduzem as análises para temas como o capitalismo e meritocracia, em vez de pensar ou repensar os valores morais históricos sociais das comunidades.

O racismo estrutural não tem origem espontânea, mas sim de discursos/textos e posicionamentos que, reproduzidos, tomam uma forma estrutura. Tal ideais estruturais não poderiam nunca existir se não por meio do dialogismo que acontece nesse processo de aperfeiçoamento das ideias, valores e aceitação social.

Assim sendo, a formação do racismo estrutural estaria na moralidade social, que decide sobre socializar-se das mais variadas formas com pessoas negras, casar-se com pessoas negras, alimentar, empregar, deixar-se liderar e não assassinar pessoas tomando por critério a raça. Mas qual critério deveria ser usado para desrespeitar, limar, assassinar alguém?

É uma pergunta que, além de lidar diretamente com questões legais da sociedade, depara-se diretamente com as forças heterodiscursivas que envolvem as questões morais de grupos. Assim, é mais conveniente para os dominantes pensarem ou fazer pensar que não tem nada a ver com racismo, que racismo não existe, que as coisas são como são porque simplesmente as pessoas estão onde estão, nasceram onde nasceram e não haja muito a se fazer em relação a isso, ou seja, as forças centrífugas estariam atuando sempre em discordância das práticas antirracistas.

2.1 O movimento Vidas Negras Importam

Inicialmente, precisamos explicar em que contexto nasceu o campo discursivo analisado, como nos auxilia a Análise Dialógica do Discurso. Para isso, selecionamos fatos que mobilizaram vozes sociais reunidas no mesmo contexto dialógico. Foram sobretudo esses fatos que deram vida ao discurso *hashtaguado* que analisamos. Vamos entender o contexto dialógico:

As ações da polícia nas comunidades do Rio de Janeiro resultaram na perda de mais de 600 vidas no primeiro quadrimestre do ano de 2020. O menino João Pedro, de 14 anos, vítima dessas mesmas operações policiais, foi morto no dia 18 de maio de 2020. Um ano depois do assassinato, mais de 800 organizações se mobilizaram

em protestos contra ações violenta e de massacre policial contra as pessoas de comunidade, sendo sua maioria pessoas negras².

No dia 31 de abril, o movimento Favelas do Rio de Janeiro iniciou o protesto Vidas Negras Importam, em repúdio ao descaso com a vida das pessoas negras, principalmente aquelas que vivem em áreas periféricas. Os protestos começaram a ganhar força em todo o país, não se limitando apenas ao Rio de Janeiro, e os dados do Instituto de Segurança Pública confirmaram essa realidade, mostrando que as vidas negras eram e continuam sendo as mais afetadas durante as operações nas comunidades³.

Não demorou para os casos serem associado e analisados pelos protestantes, familiares e amigos. Como o caso acontecido no ano anterior, setembro de 2019, a Ágatha Félix, uma menina de apenas 8 anos, tornou-se tragicamente um símbolo de injustiça racial e violência policial no Brasil. Em 2019, sua vida foi abruptamente interrompida por um tiro durante uma ação policial no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Testemunhas contrariaram a versão policial de um tiroteio, apontando para o uso desmedido da força. Sua morte, imensamente triste e desnecessária, reacendeu debates sobre segurança pública, discriminação e a precariedade da vida nas favelas brasileiras⁴.

O movimento ganhou ainda mais impulso quando o policial americano Derek Chauvin assassinou George Floyd, um homem negro afro-americano suspeito de tentar usar uma nota falsa de vinte dólares. Floyd foi sufocado com o joelho no pescoço por quase nove minutos, apesar de repetidamente afirmar que não conseguia respirar⁵. O caso ganhou repercussão internacional e as redes sociais registraram as manifestações de usuários de todo o mundo, em uma onda de protestos sobre o caso George Floyd.

Aqui no Brasil, movimentos protestavam em repúdio ao caso de Floyd, da menina Ágatha Félix e ao do garoto João Pedro, em particular. Em maio de 2020, os

²Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/18/morte-do-menino-joao-pedro-em-acao-policial-no-rj-segue-sem-resposta-apos-um-ano>>. Acesso em 20 de março de 2023.

³Disponível em: <<https://ponte.org/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-ato-vidasnegrasimportam/>>. Acesso em 20 de março de 2023.

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>>.

⁵Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>>. Acesso em 20 de março de 2023.

usuários do Twitter-X levantaram a *hashtag* #VidasNegrasImportam para protestar nas redes sociais contra a violência sofrida por pessoas negras, que são massivamente assassinadas no Brasil, sobretudo casos que não ganharam tanta repercussão. Isso demonstrou que o racismo estrutural é um problema social real e não ocorre apenas em situações isoladas, mas sim em uma escala significativa, sem receber a devida atenção no cotidiano, em que muitas pessoas negras são mortas.

No entanto, não seria surpreendente deparar-se com discursos contrários ao movimento. Um sistema estrutural racista se fortalece ao perpetuar todas as formas de opressão. Ter um movimento massivo, com figuras públicas e anônimas, políticas, endossando o discurso de resistência é, no mínimo, uma ameaça aos padrões sociais desiguais no país.

3 A COSMOVISÃO DIALÓGICA DE BAKHTIN E VOLÓSHINOV

Nesta parte metodológica, é fundamental explicar que, na cosmovisão dialógica de Bakhtin, que analisa o discurso não focando nas estruturas metalinguísticas por seu caráter estritamente morfossintático, mas levando em consideração principalmente o contexto em que esses discursos foram criados, há algumas noções que utilizamos, tais como intertextualidade, heterodiscurso, polêmica e axiologia, que não estão necessariamente dissociadas. É possível obter um parâmetro para definir cada uma dessas noções e entender como elas funcionam. Um contexto, um diálogo, cria uma arena discursiva onde essas forças atuam. Não existe um limite evidente entre elas, ou seja, não há um ponto de início e término definido. Com isso, não queremos dizer que elas se misturam ou que são a mesma força atuante, mas que coexistem e atuam simultaneamente na arena, nos discursos da hashtag, influenciando os enunciados.

Por exemplo, em um diálogo ou publicação, ocorre a intertextualidade, que é quando uma pessoa, usuário da rede social, se expressa e é possível identificar traços de outros textos, de outros discursos, fora do contexto imediato. O heterodiscurso, composto por forças centrípetas e centrífugas, analisa como o sujeito constrói seu

discurso, como um tweet comentando a publicação inicial, com uma força centrípeta, que apoia seu próprio discurso e o discurso do interlocutor com ideias convergentes. Essa força centrípeta concentra forças discursivas que interagem em harmonia. A intertextualidade não é perdida, pois as forças do heterodiscurso também atuam no mesmo campo discursivo, na mesma arena, havendo duas noções dialógicas em ação.

Quando o sujeito escolhe selecionar de sua intertextualidade fatos e ideias que são contrárias às ideias do interlocutor, isso significa que, em vez de as forças atuarem para o centro do discurso, combinando e reforçando-se (centrípetas), elas agora têm uma força contrária à força discursiva do interlocutor. Assim, o sujeito resgata fatos, discursos e cita situações que confrontam as ideias do interlocutor, e essa discordância advém da força centrífuga. Na mesma arena discursiva, a intertextualidade e o heterodiscurso com forças centrípetas ou centrífugas são duas noções usadas como método de análise.

A polêmica, essa força de discursos discordantes, ocorre quando há um ataque direcionado. Ela pode ser dividida em polêmica velada ou polêmica aberta. Se duas pessoas estão conversando em um contexto em que as ideias divergem de forma polêmica, haverá um discurso, um enunciado que ataca diretamente as ideias em desacordo, caracterizando uma polêmica velada. Quando essa força ataca diretamente a imagem da pessoa que discursou em desacordo, então há uma polêmica aberta. A polêmica velada utiliza como parâmetro a discordância de discursos e ideias para atacar o outro discurso, enquanto a polêmica aberta ataca diretamente o sujeito e não seu discurso ou suas ideias. Nesse caso, há intertextualidade, heterodiscurso com forças centrífugas em atuação, além da polêmica.

Nesse contexto, não podemos deixar de mencionar a axiologia. Os valores axiológicos representam as ideologias que cada sujeito carrega consigo, seus valores sociais, éticos, morais, que são determinantes na defesa de uma tese, de uma teoria na arena discursiva. Cada interlocutor terá seus próprios valores e ideias, o que será determinante para a seleção dos enunciados, a construção de seu próprio discurso e a defesa de seus valores.

O mesmo discurso pode ser analisado por cada uma dessas noções bakhtinianas, pois todas essas forças atuam simultaneamente no discurso, na mesma arena discursiva. Metodologicamente, procuramos separar e delimitar como cada uma

dessas noções atua, mas isso não significa que elas não estejam atuando em conjunto e simultaneamente sobre o mesmo objeto, que, no caso da análise dialógica do discurso, é o enunciado, a fala, o discurso do sujeito na hashtag #VidasNegrasImportam.

3.1 Dialogismo: algumas noções dos estudos da Filosofia da Linguagem

Afunila-se nesta pesquisa um dos conceitos dos estudos bakhtinianos: o dialogismo. Em *Problemas da Poética de Dostoiévsk* Bakhtin afirma que

para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado [...] o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes (BAKHTIN, 2018, p. 210 - 211).

Ou seja, o dialogismo é uma cosmovisão bakhtiniana que estuda as relações interacionais que os sujeitos estabelecem uns com os outros, pois. Para Bakhtin (2018), jamais seria possível abordar o dialogismo analisando relações entre textos sem levar em consideração os elementos extratextuais concernentes à interação entre os sujeitos (relações puramente linguísticas). Então, dialogicamente, analisam-se as relações entre sujeitos por meio dos seus discursos uma vez que

as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso [...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2018, p. 209).

Para Bakhtin (2018), ao se tratar de relações dialógicas, é possível que os enunciados sejam analisados a partir das interações sociais entre os sujeitos, consideradas por um ponto de vista que extrapole as estruturas do texto. Não significa,

contudo, que fragmentos de enunciados não podem ser analisados dialogicamente. Podem. E devem ser estudados a partir do seu potencial semântico, entendido como um signo que conversa, interage dialogicamente com os sentidos de outros enunciados. Nessa perspectiva, a linguagem está presente nas relações sociais e materializada concreta e dialogicamente em enunciados.

Este conceito central está na “filosofia do signo (ou seja, a filosofia da linguagem)” (VOLÓSHINOV, 2018, p. 123) que se refere à natureza interativa e dialógica da comunicação humana. A teoria do dialogismo propõe que o significado não é construído individualmente, mas emerge na interação entre diferentes sujeitos em um contexto comunicativo. Bakhtin (2018), enfatiza que o diálogo é essencial para a compreensão da linguagem. Segundo ele, a linguagem não é apenas um sistema de signos isolados, mas sim um fenômeno social e interativo, permeado por relações de poder, ideologia e valores culturais.

3.1.1 Linguagem

A cosmovisão dialógica do teórico Bakhtin, que fundamenta esta pesquisa, tem como princípio a interação do homem na sociedade. Tal interação não seria possível se não fosse através da linguagem. Para entendermos a Cosmo visão dialógica de Bakhtin é preciso evidenciar o potencial da linguagem nas relações sociais contemporâneas. A relação que a linguagem estabelece com o homem parte do ponto de vista em que o indivíduo se constitui a partir da linguagem e que não é possível o princípio da formação de si mesmo se não por via desse fenômeno humano, social.

O ato individual de fala, isto é, do enunciado que foi tão decisivamente colocado à margem da linguística, retorna, no entanto, como um fator necessário da história da língua. No espírito de toda a segunda tendência, Saussure opõe rigorosamente a história da língua à língua tomada enquanto sistema sincrónico. Com sua individualidade e caráter ocasional, o "enunciado" predomina na história, que é governada por uma lei totalmente diferente daquela do sistema da língua (VOLÓSHINOV, 2018, p. 169).

A teoria dialógica não faria sentido se Bakhtin e o Círculo não tivessem investigado a linguagem como uma ciência social, não desconsiderando a perspectiva

da linguagem como objeto linguístico apontado por Saussure, mas considerando a subjetividade humana como fator essencial para que aconteçam fenômenos da linguagem, a exemplo da palavra, do signo ideológico, enunciado, cultura, axiologia, heteroglossia.

A linguagem é o fio condutor responsável por materializar a subjetividade humana. É o que torna possível a comunicação pelos gêneros do discurso; a materialização dos posicionamentos, através dos signos ideológicos; os discursos propriamente ditos; através dos enunciados; o confronto de posicionamentos, através do heterodiscurso; o valor ideológico e a percepção de si e do outro, através da axiologia; os posicionamentos e discursos contrários, através da polêmica; e tantas outras noções discutidas pela cosmovisão dialógica da teoria de Bakhtin e o Círculo.

É a partir dessa compreensão que é possível investigar as possibilidades da ação humana pela linguagem, sua forma de ser e estar no mundo, o modo como se relaciona para constituir significados na sociedade e ao mesmo tempo se ressignificar, uma vez que a linguagem não é um produto e sim uma faculdade humana que não é encerrada em si mesma, conforme o homem muda seu modo de interagir em sociedade acaba por moldar a forma significativa de constituir a linguagem.

Desse modo, seguimos a partir da discussão do potencial da linguagem em uma vertente organizada por Bakhtin e o Círculo para entendermos o percurso da linguagem na materialização dos posicionamentos e dos valores para a constituição dos discursos.

3.1.2 *Signo ideológico e a palavra*

Imediatamente, é preciso apontar o propósito da palavra para o olhar de Volóshinov (2018),

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função e de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o médium mais apurado e sensível da comunicação social. [...] A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um signo neutro. Todos os demais materiais signícos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio

material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos que não podem ser aplicados a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (VOLÓSHINOV, 2018, p. 98-99).

Ou seja, para Volóshinov, a palavra envolve todas as esferas de significação ideológica não podendo se dissociar jamais a palavra do signo linguístico, ainda que o signo não seja, em sua materialidade, verbal; mas pensar, compreender, decodificar o signo (semiologia) é feito por meio da linguagem verbal.

É preciso entender que, da mesma forma que a palavra como materialidade do signo e do enunciado; o signo linguístico só se constitui no social e na interação, os enunciados são perpassados por discursos outros; não se pode solidificar esses elementos em determinações estáveis para pensar a análise dialógica do discurso, como também não se deve pensar o dialogismo em si mesmo como se sua definição fosse suficiente para entender esse campo do conhecimento como um todo.

Em “*Marxismo e filosofia da linguagem*”, no capítulo intitulado “*A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem*”, além de outras questões, o processo de criação do signo ideológico é abordado por Volóshinov (2018 [1929]), no qual fica evidente a relação dialógica que envolve a concepção do signo e como ele está diretamente ligada à ideologia de um indivíduo e suas relações sociais.

Já nas primeiras linhas do, a seguinte afirmação é colocada em questão “tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo” (VOLÓSHINOV, 2018, p. 91). Fica claro que o campo ideológico não consiste no *eu* individual, mas em uma instância em que está situada no *eu* e no exterior do *eu*, na força desse conjunto de interações.

Todo signo é ideológico e consiste no resultado da significação maior da existência de elementos sociais. Quando um objeto tem um significado, uma utilidade, e passa a refletir um conceito maior, contextualizado e aceito por um grupo de indivíduos, esse objeto passa a se tornar um signo, pois sua significação extrapolou a semântica do signo em si e passou a ser um conceito aceito por um grupo (VOLÓSHINOV, 2018). Os signos são constituídos a partir do acordo semântico estabelecido entre os sujeitos em interação social quando atribuem uma significação

de valor ao objeto, imagem, palavra e essa significação é compartilhada pelo coletivo social.

Pensar a semântica de um signo ideológico requer compreender, por exemplo, que as mãos têm funções motoras tanto quanto possível, e que a boca tem funções respiratórias, alimentares e comunicativas. Então, mão e boca são, respectivamente, partes do corpo humano, extensão de membros e dos sistemas respiratório e alimentar. No entanto, posicionar o indicador em riste sobre a boca fechada entende-se em vasta compreensão social que se trata de um pedido de silêncio. Significar o mundo atribuindo-lhe sentidos, codificando valores, semântica compartilhada por um grupo é um ato de criação sígnica.

Um signo ideológico, então, é a representação de significados e ressignificados aceitos por grupos sociais. É concebido e compartilhado em sociedade, nunca no individual. No entanto, o objeto não passa a ser um signo em si, ainda será o objeto ele mesmo, mas o conceito que o objeto reflete, aceito em um acordo social comunicativo é que se torna o signo ideológico. A imagem sígnica, que referencia sentidos para além da simples função do objeto, é que torna mais compreensível a dimensão sígnica e, por conseguinte, a dimensão ideológica.

Esses dois elementos, a palavra e o signo linguístico, foram pensados de forma que se extrapolasse a normatividade das análises sintáticas e fosse lançado um olhar para os elementos constituídos pela linguagem em sociedade, a partir da interação entre os indivíduos, para constituir, por exemplo, os seus enunciados.

No diálogo, as palavras adquirem significado através da interação entre os participantes, sendo influenciadas por suas perspectivas, experiências e intenções. O sentido de uma expressão não é fixo ou estático, mas está em constante negociação e transformação durante o processo comunicativo. O dialogismo reconhece a pluralidade de vozes e pontos de vista presentes em uma conversa, evitando a imposição de uma única interpretação dominante. Cada participante contribui com sua própria perspectiva, o que resulta em um diálogo rico e dinâmico, onde múltiplos significados são gerados e contestados.

No entanto, o dialogismo não implica na aceitação indiscriminada de todas as vozes. Bakhtin destaca a importância do diálogo responsivo, em que os participantes se engajam ativamente na compreensão e contestação mútua de ideias. O diálogo

autêntico requer respeito, escuta atenta e abertura para o confronto de perspectivas divergentes. A teoria não se limita apenas à interação verbal direta, mas se estende a diversas formas de comunicação, incluindo textos escritos, discursos políticos, obras literárias e interações virtuais. Em todas essas instâncias, o dialogismo desempenha um papel fundamental na construção e negociação de significados.

3.1.3 Enunciado

Quando partimos da teoria do enunciado, que considera o discurso como uma unidade básica de significado, cada enunciado é construído em resposta a outros enunciados prévios, estabelecendo uma cadeia interativa de diálogos implícitos ou explícitos. Eles ganham sentido por meio de sua relação com outros enunciados presentes na mesma conversa ou no contexto discursivo mais amplo. Essa intertextualidade é fundamental para a compreensão e interpretação dos significados expressos, uma vez que um enunciado pode referenciar, contradizer, concordar ou expandir outros enunciados anteriores (BAKHTIN, 2016).

A partir deste ponto, é preciso explicarmos que, na organização e tradução da obra bakhtiniana *Os Gêneros do Discurso*, Paulo Bezerra tem o cuidado de evidenciar que Bakhtin não fez distinção entre enunciado e enunciação, mas que utiliza o termo *viskázivanie*, ato de expor as ideias por meio das palavras, “quer para o ato produtivo do discurso oral, quer para o discurso escrito” (BEZERRA, 2016 in BAKHTIN, 2016, p. 11) optando, então, pela tradução de *viskázivanie* por enunciado.

Entendendo isso, cabe, então, a compreensão da dimensão enunciativa abordada por Bakhtin referente às instâncias em que a linguagem perpassa os usuários da língua ao afirmar que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

O enunciado explicita o potencial da linguagem, quando da dependência do campo das ideias, o indivíduo vale-se da linguagem para realizar ato de expressar-se das mais diversas formas no mundo; do mesmo modo, quando da dependência do

campo material, o enunciado constitui a substância palpável, concreta, oral e escrita resultando do processo enunciativo da expressão das ideias de cada falante.

A análise produtiva das formas da totalidade dos enunciados como unidades reais do fluxo discursivo só é possível ao reconhecer cada um dos enunciados como um fenômeno puramente sociológico. A filosofia marxista da linguagem deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura socioideológica (VOLÓSHONOV, 2018, p. 223).

O enunciado é o fio condutor pelo qual a vida vai ser afetada pelos falantes de uma língua. Tem o carácter de constituir a expressão linguística material de cada indivíduo de forma única, pois, desse modo, também o enunciador age numa interação onde outros falantes da língua o afetará por meio dos enunciados constituídos em sociedade. Ou seja, o enunciado conecta as relações do indivíduo com o mundo e com outros indivíduos por meio da linguagem e das relações dialógicas onde as interações constituem inevitavelmente cada enunciador, como explicaremos à diante.

Vale ressaltar que o enunciado não é um objeto externo ao falante, de carácter independente; não é um mecanismo utilizado para expressar a subjetividade da vida. O enunciado é um produto do falante justamente por ser constituído pelos usuários da língua, é na sua formulação que o indivíduo se constitui e afeta o mundo, pois, é no ato dialógico das relações que cada falante se concretiza em sociedade.

Nesse contexto, a visão bakhtiniana sobre os enunciados concerne um estudo que pensa um campo significativo do enunciado que extrapola as análises linguísticas de outrora, os estudos morfossintáticos, admitindo-se, então, um campo vasto na dimensão da palavra; das ideias; dos valores; das interações e relações sociais; da própria constituição única de indivíduo, cujo processo de formação do ser é, inicialmente, perpassado pela linguagem e pela interação social.

Bakhtin, 2016, explica a complexidade dos enunciados não como um discurso isolado do contexto, mas como a realidade de ser uma retomada do que já fora dito num dado momento da existência humana. “Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante. [...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Deste modo, pela perspectiva dialógica do discurso, o enunciado é uma unidade comunicativa de sentidos que conserva fragmentos de

outros enunciados construídos anteriormente, nunca novo, mas num constante movimento de retomadas de outros ditos.

O fato de os enunciados serem compostos por várias retomadas de outros enunciados não exclui a responsabilidade do falante sobre o conteúdo dito, ao contrário, a organização composicional da fala, bem como os seus posicionamentos, é de total responsabilidade do falante. Segundo Bakhtin, 2016, o homem comunica-se por meio de gêneros discursivos, que variam de acordo com cada função e propósito comunicativos, que lhe dão a oportunidade de utilizar-se de cada gênero conforme sua necessidade. “A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero” (BAKHTIN, 2016, p. 38). Ou seja, o falante não está, em nenhum momento, dissociado da sua responsabilidade discursiva na elaboração dos seus enunciados.

O filósofo é pontual, “o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016: 28). [-] Bakhtin mostra que é por meio dos enunciados que os sujeitos organizam os seus discursos para agir no mundo e que “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Os discursos são delimitados, iniciam no término de um discurso e terminam com a deixa para que se inicie um discurso novo. Nenhum discurso poderia estar alheio a um falante, todo discurso pertence a um sujeito que responde pelos posicionamentos articulados em sua fala (BAKHTIN, 2016).

3.1.4 Heterodiscurso

O heterodiscurso é visto por Bakhtin como um fenômeno dialógico no qual as forças centrípetas e centrífugas agem no discurso. Nesse fenômeno, são considerados vários aspectos do enunciado, objeto da linguagem pela perspectiva dialógica. O heterodiscurso está presente em todos os tipos de fenômenos dialógicos, que tem a interação por base de sua funcionalidade.

No cotidiano, nos utilizamos de vários gêneros do discurso para interagirmos com o outro, conosco e com o mundo. Na interação, os gêneros podem conter

discursos construídos por enunciados que estejam afinados ao discurso do outro ou que estejam em conformidade com o discurso do outro. Nesse processo de construção das ideias dos interlocutores, as forças surgem inevitável e indissociavelmente (BAKHTIN, 2016).

Pensar as forças centrípetas e centrífugas é analisar como os discursos podem ser multifacetados e agirem sobre outro discurso multifacetado fazendo com que o discurso nunca seja uma única unidade, mas uma estrutura diversa de ideais que, ao mesmo tempo em que não se apresenta inédito também não se conserva inacabado em si mesmo.

As vozes presentes nos enunciados estão para os sujeitos do discurso intrinsecamente amalgamadas de forma que os múltiplos contextos em sociedade enriquecem o processo interativo oportunizando novas construções enunciativas dialogizadas, ressignificação ou fortalecimento dos ideais construídos e constituídos pelos sujeitos através dos gêneros do discurso.

A linguagem possibilita a interação entre os sujeitos por meio dos gêneros do discurso, que são tão vastos quanto possam ser, mas que conservam em si as características necessárias para a linguagem, ou seja, ainda que exista a possibilidade de os gêneros serem instáveis quanto à possibilidade discursiva e diversidade interacional, não se trata de um objeto indefinido, aberto à interpretação da individualidade. Os gêneros são por natureza dialógicos (BAKHTIN, 2016).

Assim, o heterodiscurso está presente nesse fenômeno heterogêneo de ideias e enunciados numa rede vasta de possibilidades discursivas no dia a dia, a exemplo dos gêneros em ambiente virtual, que contam com uma gama de recursos linguísticos constitutivos de enunciados dialogizados que se aperfeiçoam e ressignificam no decorrer de cada contexto sócio-histórico.

3.1.5 Polêmica

A perspectiva bakhtiniana também oferece insights importantes sobre o fenômeno da polêmica. De acordo com Mikhail Bakhtin, em seu livro "Estética da Criação Verbal" (1963), a polêmica é entendida como uma forma de interação verbal

caracterizada por confronto e debate acalorado entre diferentes vozes e perspectivas. Bakhtin considera a polêmica como uma expressão da pluralidade de vozes presentes na sociedade, refletindo a diversidade de ideias, valores e pontos de vista.

Na visão bakhtiniana (2018) a polêmica não deve ser rejeitada ou silenciada, mas sim entendida como uma oportunidade para a expressão de diferentes visões de mundo. Ela desafia visões estabelecidas, provoca reflexão crítica e estimula o desenvolvimento de um pensamento mais complexo e dialógico. Bakhtin enfatiza que a polêmica autêntica, baseada no respeito mútuo e na busca pela compreensão, pode levar a um enriquecimento das perspectivas envolvidas e à construção coletiva do conhecimento.

No entanto, Bakhtin (2018) também destaca que a polêmica pode ser distorcida quando é permeada por discursos de dominação, intolerância e fechamento ao diálogo. Essa distorção ocorre quando uma das partes envolvidas na polêmica busca impor sua visão, desqualificar as vozes divergentes e desvalorizar o diálogo autêntico. Nesses casos, a polêmica se torna uma ferramenta de poder e exclusão, impedindo o florescimento de um diálogo verdadeiro e transformador.

Portanto, para Bakhtin (2018), a polêmica é uma prática discursiva complexa, com o potencial tanto para a construção como para a destruição de relações e sentidos. É fundamental considerar a intenção comunicativa, os valores éticos e o contexto em que a polêmica ocorre, a fim de promover uma abordagem dialogista que valorize o respeito, a escuta ativa e a busca por uma compreensão mútua.

É importante destacar que a teoria também aborda a relação entre a polêmica e a construção da identidade. Bakhtin enfatiza que a polêmica não apenas reflete as diferenças de opinião, mas também desempenha um papel na afirmação e na negociação das identidades individuais e coletivas (2018).

Por meio da polêmica, os sujeitos discursivos têm a oportunidade de expressar suas crenças, valores e posicionamentos, reafirmando sua posição no mundo. Ao entrar em confronto com visões divergentes, as identidades são postas à prova, podendo ser fortalecidas, questionadas ou redefinidas.

Bakhtin destaca que a polêmica saudável é aquela que ocorre em um contexto dialógico, no qual as vozes envolvidas são ouvidas e levadas em consideração. Esse

diálogo autêntico permite que as identidades sejam moldadas em um processo contínuo de negociação e interação com os outros (2018).

No entanto, a polêmica pode ser problemática quando se baseia em discursos de desvalorização, exclusão e intolerância. Bakhtin alerta que a negação absoluta das vozes discordantes, a imposição de uma única verdade e a falta de abertura ao diálogo podem levar à rigidez e ao fechamento das identidades, impedindo o florescimento de uma comunicação verdadeiramente dialógica (2018).

As interações, no entanto, quando resultam numa discordância de ideias, podem apresentar uma característica peculiar do discurso com a voz do outro: a polêmica. Segundo Bakhtin (2018), a polêmica é o fenômeno dialógico em que duas vozes se encontram e existe um ataque de ideias que pode ser marcado em duas circunstâncias: a polêmica aberta e a polêmica velada.

A polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto. Já a polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto (BAKHTIN, 2018, p. 224).

Logo, na polêmica, é possível identificar o confronto de opiniões, seja de forma velada, quando a articulação dos enunciados paira sobre o objeto da mensagem, quase que em um conflito com o tema; e a polêmica aberta, onde fica evidente a discordância, o posicionamento contrário dos sujeitos nos enunciados. (BAKHTIN, 2018). Nesse constructo, Bakhtin se refere ao *linguajar do cotidiano*, quando aborda o *discurso polêmico interno* (que tem como característica o discurso hostil do outro), que é marcado pelo enunciado que “incorpora todas as ‘indiretas’ e ‘alfinetadas’” (p. 225). A verdade é que o embate entre as opiniões é um fator característico da polêmica.

Por se tratar de relações entre sujeitos e de como essa interação acontece na construção de trocas de valores de um para o outro pelo fenômeno enunciativo, deve-se admitir que a polêmica conserva em si o caráter dialógico.

Segundo Amossy, 2011, a polêmica é marcada por uma construção argumentativa onde o sujeito A) deliberadamente desqualifica o objeto do discurso do

sujeito B) ou C) com o simples objetivo de, com esse movimento, atribuir a desvalorização do objeto à imagem do sujeito B) ou C) cujas ideias não se afinam com os posicionamentos do sujeito A) (AMOSSY, 2011, apud CUNHA, 2013).

O discurso polêmico pode ser identificado a partir da *refutação da tese*, quando o sujeito A) expõe suas considerações acerca do tema, organizando, desta forma, o seu percurso argumentativo, demonstrando os pontos divergentes da tese do sujeito B) ou C) tentando, desse modo, refutar as considerações levantadas pelo sujeito B) ou C) (AMOSSY, 2011, apud CUNHA, 2013).

Outra característica do discurso polêmico dá-se quando o sujeito A) “tenta se apropriar da palavra do outro para melhor atacá-la” (AMOSSY, 2011, apud CUNHA, 2013, p. 242). Nesse constructo, existem duas forças de ideias oponentes que conflitam no discurso de forma tão polarizada que deixaria evidente a presença do dialogismo marcado.

Tendo em vista o que foi abordado pelos dois teóricos, tais contribuições sobre a polêmica são muito relevantes para a construção teórica desta pesquisa, uma vez que se objetiva analisar as relações dialógicas polêmicas para analisar dialogicamente discursos de ódio racistas nas relações dialógicas dos sujeitos por meio dos seus discursos ambientados no Twitter-X, especificamente na hashtag #VidasNegrasImportam.

3.1.6 Axiologia

Na perspectiva bakhtiniana, a axiologia, ou a teoria dos valores, desempenha um papel central na compreensão da linguagem, da comunicação e da interação humana. Embora Bakhtin não tenha desenvolvido uma obra dedicada exclusivamente à axiologia, suas ideias sobre a ética comunicativa e o dialogismo fornecem bases para uma abordagem axiológica.

Bakhtin enfatiza que a linguagem e a comunicação são fundamentadas em valores e princípios éticos. Cada ato de comunicação implica escolhas axiológicas, pois a seleção de palavras, a forma de expressão e o modo de interação estão intrinsecamente ligados a valores culturais, morais e sociais. A linguagem não é

neutra, mas carrega consigo valores que influenciam a forma como nos relacionamos com os outros e com o mundo.

De acordo com Bakhtin, a interação comunicativa é permeada por uma tensão entre diferentes valores e visões de mundo. A diversidade de vozes e perspectivas que coexistem na sociedade traz consigo uma pluralidade de valores. Essa multiplicidade de valores em jogo é o que torna a comunicação um fenômeno dinâmico e complexo.

Bakhtin defende a importância de uma ética comunicativa que valorize o respeito mútuo, a abertura ao diálogo e a responsabilidade ética na comunicação. Nas obras "Problemas da Poética de Dostoiévski" de Bakhtin (1929) e "Marxismo e Filosofia da Linguagem" de Volóschinov (1929), analisa as implicações éticas da linguagem e da comunicação, destacando a importância de uma postura responsiva e dialogante diante do outro.

É indispensável pensar como dialogismo aborda a questão da linguagem como um processo social e histórico. Segundo essa perspectiva, a linguagem não é uma entidade estática, mas está em constante evolução e influenciada por fatores culturais, políticos e históricos. Nesse sentido, o diálogo não apenas reflete, mas também molda e transforma a realidade. Além de nos levar a refletir sobre a natureza da subjetividade e da identidade. Por meio do diálogo, os indivíduos constroem e expressam sua visão de mundo, suas opiniões e suas experiências. Ao interagir com os outros, eles também são influenciados e modificados, o que demonstra a natureza fluida e relacional da subjetividade.

3.2 Outras considerações dialógicas

Vale ressaltar que o dialogismo não é apenas uma abordagem descritiva, mas que também aponta caminhos, promove a valorização do diálogo como uma forma de comunicação mais justa, inclusiva e democrática. Ao reconhecer a igualdade de vozes e a necessidade de escuta ativa, o dialogismo busca superar as assimetrias de poder e fomentar a participação de todos os envolvidos na construção do significado.

Além das abordagens mencionadas anteriormente, o dialogismo também está relacionado a outras teorias e campos de estudo, como a pragmática e a sociolinguística. Cada um desses campos contribui com perspectivas complementares para compreender a natureza do diálogo e suas implicações na comunicação humana.

Na pragmática, o dialogismo é explorado no estudo dos atos de fala e da intencionalidade comunicativa. Os participantes de um diálogo utilizam estratégias pragmáticas para alcançar seus objetivos comunicativos e interpretar as intenções do outro. A compreensão adequada de um enunciado depende da análise contextual e inferencial, levando em consideração as pistas linguísticas e extralinguísticas presentes na interação.

Já na sociolinguística, o dialogismo é investigado em relação às variedades linguísticas e às práticas discursivas de diferentes comunidades e grupos sociais. As formas de diálogo podem variar de acordo com fatores socioculturais, como classe social, etnia, gênero e idade, evidenciando a influência dos contextos sociais na produção e interpretação das falas.

Além disso, o dialogismo está intrinsecamente ligado à noção de alteridade, ou seja, ao reconhecimento do outro como um interlocutor válido e respeitado. O diálogo pressupõe a existência de diferentes perspectivas e experiências, estimulando a empatia, o reconhecimento da diversidade e a busca por um entendimento mútuo. Vale ressaltar que mesmo não havendo respeito entre os interlocutores o dialogismo se fará presente no íterim da comunicação, linguagem e interação entre os sujeitos.

Não obstante, o dialogismo também implica na consciência das assimetrias de poder presentes nas interações comunicativas. Nem todas as vozes têm a mesma oportunidade de serem ouvidas e levadas em consideração. Portanto, o diálogo crítico busca questionar e desafiar as estruturas de poder dominantes, promovendo a inclusão e a equidade na troca de ideias.

Quando abordamos a teoria dos gêneros discursivos, nos referimos a uma abordagem contemporânea do dialogismo, que considera que diferentes tipos de interação comunicativa seguem padrões específicos de organização textual e discursiva. Cada gênero discursivo possui suas próprias características, propósitos e convenções comunicativas, e sua compreensão depende do conhecimento

compartilhado pelos participantes. Os gêneros discursivos são vistos como pontos de encontro entre diferentes vozes sociais e discursos presentes em uma determinada comunidade ou contexto. Através dos gêneros, ocorre uma negociação constante de significados e valores, permitindo a construção coletiva e a disseminação de conhecimento (BAKHTIN, 2016).

Além disso, o dialogismo também se relaciona com a ideia de horizonte de expectativas, que se refere ao conjunto de conhecimentos, crenças e valores compartilhados pelos participantes de uma interação comunicativa. Esse horizonte influencia a interpretação e o significado atribuído às expressões linguísticas, moldando o contexto em que o diálogo ocorre. Desafia a visão tradicional da linguagem como um espelho da realidade ou um sistema de representação objetivo. Em vez disso, enfatiza a dimensão relacional e situada da linguagem, na qual o sentido é construído em um contexto interativo e mutuamente influenciado pelos participantes.

Em resumo, o dialogismo é uma abordagem fundamental para compreender a complexidade da comunicação humana. Ele reconhece a interação dinâmica entre sujeitos, vozes e discursos, valoriza a diversidade de perspectivas e busca promover um diálogo autêntico, responsivo e crítico. O dialogismo nos convida a explorar as múltiplas camadas de significado presentes nas interações linguísticas e a compreender a linguagem como um fenômeno vivo, em constante construção e transformação.

O advento das novas tecnologias de comunicação também mostra uma forma de dialogismo contemporâneo. As interações virtuais, como fóruns online e redes sociais, apresentam novos desafios e oportunidades para o diálogo. É importante considerar como essas plataformas podem ser utilizadas de forma construtiva, promovendo o diálogo a troca de ideias, ao mesmo tempo em que se enfrentam os desafios da polarização, da desinformação e do discurso de ódio.

No contexto da sociedade contemporânea, marcada pela polarização, pela desinformação e pelo discurso de ódio, o dialogismo se apresenta como uma abordagem essencial para a promoção do entendimento mútuo e da coexistência pacífica. Ao privilegiar a escuta ativa, a empatia e o respeito, o diálogo se torna uma

ferramenta poderosa para superar as divisões e construir pontes entre indivíduos e grupos. Questionar as estruturas de poder presentes nas interações comunicativas.

4 O DISCURSO EM REDE

O Twitter-X é uma rede social onde os enunciados são construídos com apenas 240 caracteres, quantidade máxima do Twitter-X, de forma individual e coletiva. Para interagir com a rede, os usuários publicam postagens com toda sorte de conteúdo. Esses textos podem conter palavras, imagens, vídeos, links, enquetes. É uma forma diversificada de utilizar a plataforma, apesar de tudo precisar ser feito por tweets, como são chamadas as publicações.

Além de usuários comuns, há páginas de pessoas públicas; de jornais, que utilizam este meio para divulgação e impulsionamento de informações com links para redirecionar os usuários para sites dos jornais; de telejornais e programas de TV publicam a pauta do dia, exibem seus convidados e discussões do episódio; de autoridades que comunicam suas decisões pela rede social. Toda sorte de comunicação social é publicada no Twitter-X para interação com os usuários, que podem seguir os perfis uns dos outros chegando a atingir milhões de seguidores aumentando seu alcance comunicativo dentro da rede.

Os enunciados variam de sujeito para sujeito de acordo com o propósito comunicativo de cada um. Jornais com seus enunciados polêmicos e chamativos; autoridades com textos descritivos e argumentativos; usuários sem visibilidade pública ganham notoriedade com publicações que ironizam satirizam situações sociais que envolvem economia, saúde e educação; notas de repúdio ou de apoio, cartas abertas são publicadas para conhecimento público entre tantas possibilidades que o usuário queira usufruir.

A rede social não agrupa amigos e conhecidos, como grande maioria faz, mas dá a possibilidade de reunir pessoas de todo o mundo, bem como seus enunciados.

Quanto mais pessoas publicam ao mesmo tempo o mesmo termo (ex: “*racismo* é crime” e outro “o Brasil não venceu o *racismo*”) surge então a *tag* reunindo o termo mais citado no momento (*racismo*) por parte dos internautas. Este é um processo que a plataforma desempenha por algoritmos e os usuários não têm certeza se a *tag* será levantada.

Além disso, existe uma forma organizada de agrupar os enunciados que é por meio de hashtags (#) por meio das quais os usuários, em número ilimitado, podem se reunir para compor um enunciado hashtagado como #VidasNegrasImportam, que reúne enunciados contra a matança desenfreada a pessoas negras. Em pouco tempo, o Twitter-X aponta entre os assuntos mais comentados do momento a *tag* na qual os usuários propagando seus enunciados. Esse agrupamento de enunciado pode ser refinado classificando a localidade, o tempo, a conta...

Neste processo enunciativo, existe uma relação dialógica na interação entre os usuários do Twitter-X que cabe uma atenção. As publicações (*tweets*) podem ser *retweetadas* (compartilhadas ou repostadas), possibilitando aos usuários replicarem enunciados por concordar ou discordar do conteúdo. A possibilidade de comentar um *tweet* garante aos usuários participar da construção daquele enunciado, que se estende por meio de comentários, enxergarem-se no enunciado de outros usuários, discordarem do discurso enunciado no *tweet* e se exporem pelos comentários. Assim, as construções dialógicas começam a acontecer e se estender conforme a interação dos interlocutores.

O Twitter-X é uma rede social de compartilhamento de informações instantâneas e se distingue das demais plataformas em dois pontos importantes: primeiro porque o fluxo de informações garante aos usuários que estejam em contato com o que há de mais recente no mundo em todas as esferas da sociedade; e facilidade de conexão com usuários desconhecidos, tendo em vista que não existe um limite de agrupamento entre contatos próximos, mas é uma rede fluida em que qualquer pessoa que entre em contato com um tema discutido. Por essas razões, escolhemos essa rede social para fazer a pesquisa.

Deste último ponto surge o ambiente de grupamento chamado *hashtag*, ou somente *tag*, cuja função é reunir todas as publicações e comentários que têm a mesma marca textual, como exemplo #DiadaConsciênciaNegra. Ao clicar na *tag*, o

usuário é redirecionado a um ambiente que agrupa todos os discursos sobre o tema. O espaço comunicativo também é usado por figuras públicas como governadores, órgãos públicos, artistas, emissoras de TV etc., como um dos principais meios de comunicação. A plataforma marca uma média de quantos tweets foram postados para o mesmo assunto e não raro a marca de milhões de tweets é alcançada em poucas horas de publicações e diálogos fervorosos.

Como o que nos interessa como foco de estudo é o discurso e seu processo enunciativo, do ponto de vista dialógico, analisaremos os comentários em um desses pontos de agrupamento (#VidasNegrasImportam) que podem revelar como o discurso ódio racista estrutural pode agrupar sujeitos nesses pontos de agrupamentos, bem como a violência verbal no Twitter-X.

4.1 Comunidades discursivas

Comunidades discursivas são grupos de pessoas que compartilham uma linguagem comum, valores e interesses em torno de um tópico específico. Esses grupos se formam em torno da comunicação e da interação, seja em contextos acadêmicos, online, profissionais ou sociais. São

aquelas formadas pelo pensamento, linguagem e conhecimento sincronizados de grupos sociais distintos que fazem parte da sociedade moderna. São construções sociais constituídas por indivíduos e suas dimensões culturais, sociais e históricas. (ALMEIDA, 2007, s.p.).⁶

Dentro de uma comunidade discursiva, os membros trocam conhecimento, desenvolvem normas de comunicação próprias e perseguem objetivos compartilhados. A linguagem desempenha um papel crucial na criação de identidade e na construção de conexões sociais entre os membros.

Essas comunidades estão em constante evolução, adaptando-se às mudanças no conhecimento e na forma como se comunicam. Elas desempenham um papel

⁶ ALMEIDA, D. P. dos R. de et. al. Paradigmas Contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. Revista Eletrônica Informação e Cognição, v.6, n.1, p.16-27, 2007. In: DIAS, C. C. A análise de domínio, as comunidades discursivas, a garantia de literatura e outras garantias. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 2, p. 17, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92174>. Acesso em: 01 jul. 2023.

importante na disseminação de ideias, na formação de opiniões e na influência sobre como certos tópicos são discutidos na sociedade.

A literatura sobre análise de domínio reconhece que as comunidades discursivas compõem-se de atores com pontos de vista distintos, estruturas de conhecimento individuais, predisposições, critérios de relevância subjetivos, estilos cognitivos particulares. Mas, se fazem presentes no jogo entre as estruturas de domínio e o conhecimento individual e na interação entre o nível individual e social. A história do indivíduo, inserida dentro de uma história coletiva, apresenta suas variáveis e diferenças, e são estas que caracterizam as possibilidades de diferentes percepções, trajetórias, propósitos e apreciações em cada domínio de conhecimento (DIAS, 2015, p. 11).

Em resumo, comunidades discursivas são grupos unidos pela linguagem e pela comunicação, onde os membros compartilham conhecimento, valores e objetivos em comum, desempenhando um papel fundamental em diversos contextos da vida social e acadêmica.

5 METODOLOGIA

Nesta sessão, detalhamos quais conceitos trazidos por Bakhtin e Volóshinov foram utilizados para fundamentar teoricamente a nossa pesquisa no que concerne analisar os discursos dialógicos das *hashtags* #vidasnegrasimportam versus #todavidaimporta no ambiente online da rede social Twitter-X.

A análise dialógica irá se basear nos estudos bakhtinianos sobre os enunciados, tais como heterodiscurso, axiologia, dialogismo e polêmica; e como a estruturação dos enunciados analisados podem nos sugerir uma concepção dialógica desses sujeitos enunciativos que construíram seus discursos de ódio. Assim, a análise pretende discutir a forma como os sujeitos articulam a construção de valor, a concepção de si e do outro a partir dos seus enunciados de violência verbal na esfera do Twitter-X.

É possível analisar, a partir dos aspectos dialógicos, de que forma o discurso racista está estruturado no Twitter-X para entender como as práticas discursivas violentas que enredam o discurso racista podem estar sendo alimentadas pelo racismo estrutural e se existe um lugar comum que agrupa muitos discursos de ódio racista ou se dentro desses discursos existem práticas racistas institucionais que impulsionem deliberadamente a violência verbal nas discussões na rede social acerca do racismo.

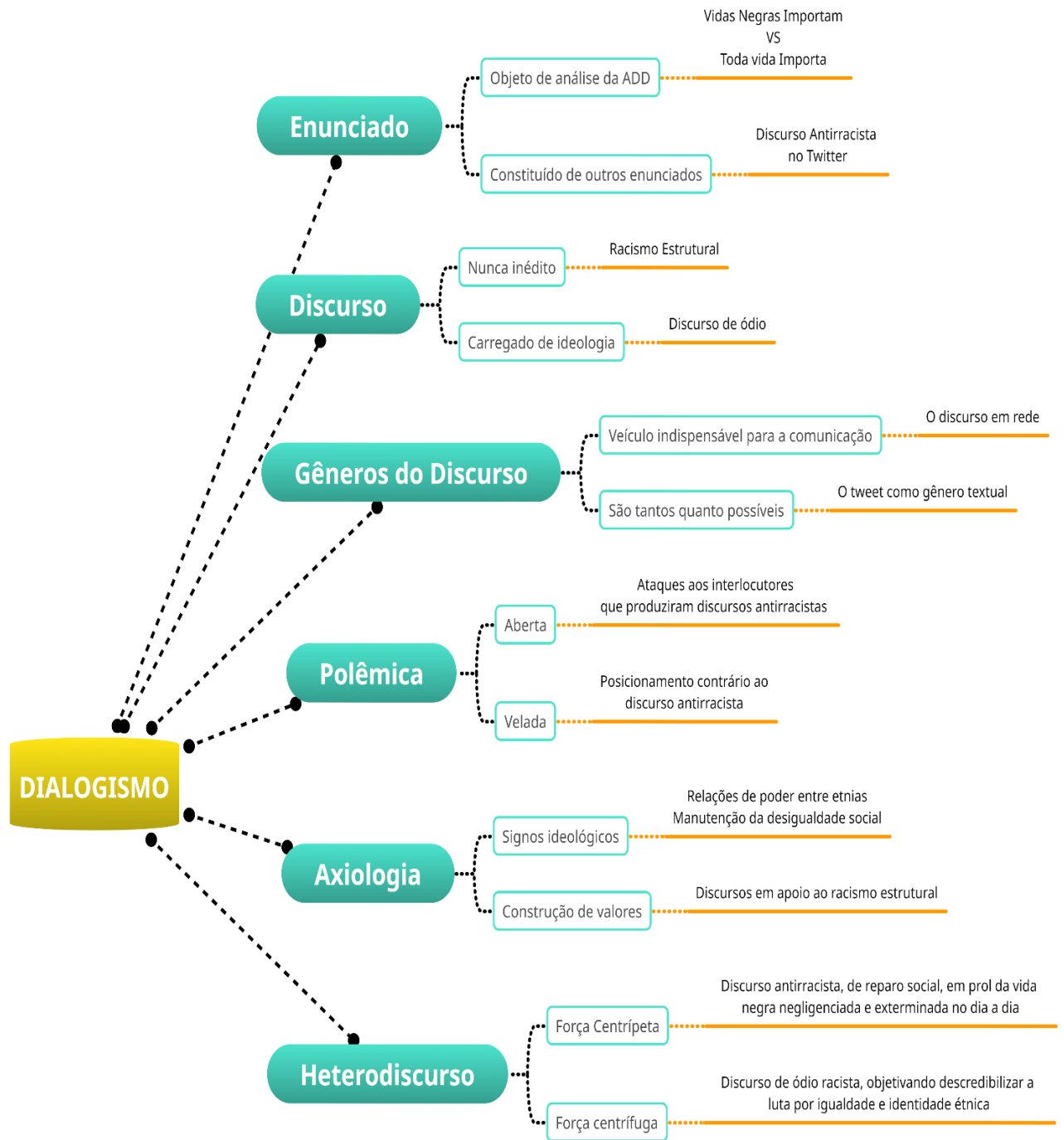
Será discutido como os dois teóricos tinham uma cosmovisão do dialogismo compreendendo a interação como fator indispensável para que se analise os enunciados não só pelo seu fator linguístico em si mesmo, mas pelo valor da interação sócio-histórica inerente aos interlocutores.

Ou seja, trazemos um olhar sobre a teoria dialógica como um conjunto de noções; não uma única categoria de análise, dialogismo, mas uma cosmovisão que compreende várias categorias como pertencentes à competência da linguagem humana, a dialógica.

Dessa profusão dialógica no ambiente virtual do Twitter-X, tendo como foco o recorte do período histórico antirracista e o fenômeno *hashtag*, faremos uma análise dialógica dos comentários na *hashtag* #VidasNegrasImportam no Twitter-X, a partir da

cosmovisão dialógica de Bakhtin e Volóchinov, durante o período da onda de protesto contra o assassinato de vidas negras no primeiro semestre de 2020. Esses comentários foram coletados por meio de prints de tela que registraram os discursos principais e os enunciados de usuários que interagiram de alguma forma contrários à iniciativa do *movimento* #VidasNegrasImportam. Os prints coletados conservam informações dos enunciados na íntegra, quando foram comentados, e serão analisados pela perspectiva Dialógica do discurso.

Figura 1 - Ilustração da Cosmvisão Dialógica Bakhtiniana



Fonte: Produção pessoal

5.1 Recorte temporal

Os comentários na *hashtag* *#VidasNegrasImportam* no Twitter-X foram coletados durante o período da onda de protesto contra o assassinato do menino João Pedro, em maio de 2020, que impulsionou várias publicações e interações com discursos antirracistas e de ódio racista em formato de comentários. A coleta levantou dados no período de 01 de abril a 31 de julho de 2020.

5.2 Processo de coleta de dados

Esses comentários foram coletados por meio de prints de tela de *smartphone*, que registram os enunciados principais e os comentários de usuários que interagiram de alguma forma contrários à iniciativa da *tag* *#VidasNegrasImportam*. Os *prints* coletados conservam informações dos enunciados na íntegra, a data e horário em que os discursos foram publicados, nome e foto de perfil dos interlocutores.

Ao longo das investigações, foram coletados 400 discursos na rede Twitter-X associados à *hashtag*, dos quais foram analisados 20, de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos nesta pesquisa.

O mecanismo de busca avançada do Twitter-X nos permitiu uma triagem específica que facilitou o processo de coleta de dados, desde termos muito restritos até período de postagens:

Figura 2 – Busca avançada do Twitter-X 1

X **Busca avançada** **Buscar**

Palavras

Todas estas palabras

Exemplo: o que está acontecendo · contém "o que está" e "acontecendo"

Esta frase exata

#VidasNegrasImportam AND #TodaVidaImporta

Exemplo: happy hour · contém a frase exata "happy hour"

Qualquer uma destas palabras

Exemplo: gatos cães · contém "gatos" ou "cães" (ou ambos)

Nenhuma destas palabras

Exemplo: gatos cães · não contém "gatos" e não contém "cães"

Estas hashtags

#VidasNegrasImportam

Exemplo: #ThrowbackThursday · contém a hashtag #ThrowbackThursday

Fonte: Twitter-X

Figura 3 – Busca avançada do Twitter-X 2

X **Busca avançada** Buscar

Contas

Destas contas
Exemplo: @X · enviado por @X

Para estas contas
Exemplo: @X · enviado em resposta a @X

Mencionando estas contas
Exemplo: @SFBART @Caltrain · menções a @SFBART ou menções a @Caltrain

Filtros

Respostas

Incluir respostas e posts originais

Mostrar somente respostas

Links

Fonte: Twitter-X

Figura 4 – Busca avançada do Twitter-X 3

X **Busca avançada** Buscar

Engajamento

Número mínimo de respostas
Exemplo: 280 · posts com pelo menos 280 respostas

Número mínimo de curtidas
Exemplo: 280 · posts com pelo menos 280 curtidas

Número mínimo de reposts
Exemplo: 280 · posts com pelo menos 280 reposts

Datas

De

Mês Abril	Dia 1	Ano 2020
--------------	----------	-------------

Para

Mês Junho	Dia 30	Ano 2020
--------------	-----------	-------------

Fonte: Twitter-X

5.3 Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão para que os comentários fossem analisados pautam-se em agrupar enunciados que sejam:

- *Tweets* com a *hashtag* #VidasNegrasImportam como parte do processo enunciativo para a construção do discurso antirracista;
- *Tweets* com a *hashtag* #VidasNegrasImportam como parte do processo enunciativo para a construção do discurso de ódio;
- *Tweets* que sejam comentários associados à publicação de outro usuário da rede social;
- *Tweets* que detenham forças discursivas resistentes ao movimento #VidasNegrasImportam, resistentes ao discurso de preservação da vida negra;
- *Tweets* que contenham defesa ou crítica a pessoas ou contextos antirracistas.

5.4 Preservação da identidade dos sujeitos contribuintes

Ainda que os perfis estejam abertos para o acesso de qualquer usuário na rede social, optamos por preservar a identidade dos sujeitos tarjando seus nomes e fotos pessoais. Nome fictícios foram atribuídos aos interlocutores, salvo aos perfis de pessoas públicas.

Quando uma pessoa pública enuncia abertamente suas declarações, o processo dialógico parte de uma perspectiva de maior interação, visibilidade e influência sobre os usuários das redes sociais e da sociedade como um todo. São pessoas modelo e têm responsabilidades sociais de importante relevância. Por esse motivo, as pessoas públicas, cujos discursos foram analisados nesta pesquisa, tiveram suas identidades conservadas.

6 O DISCURSO DE ÓDIO RACISTA NO TWITTER-X E A MANUTENÇÃO DA OPRESSÃO DE PESSOAS PRETAS

As pessoas públicas tiveram suas identidades divulgadas pela importância dialógica de conservar a perspectiva enunciativa de onde partiram estes discursos, os usuários que não são figuras públicas, no entanto, receberam todos nomes fictícios para preservarmos suas identidades.

Começaremos com o entrelace de dois casos importantes para nossa pesquisa:

O caso do assassinato do menino João Pedro é um exemplo alarmante da violência policial que assola as comunidades brasileiras. Em 18 de maio de 2020, João Pedro Mattos Pinto, um jovem de 14 anos, foi morto dentro de sua própria casa durante uma operação policial no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. A ação envolveu agentes da Polícia Federal em conjunto com a Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE) da Polícia Civil. Segundo relatos, João Pedro foi atingido por um tiro nas costas enquanto brincava com primos no quintal de sua residência. O caso gerou grande comoção e indignação, levantando questionamentos sobre os métodos utilizados pelas forças de segurança e destacando a vulnerabilidade de crianças e jovens diante da violência policial no Brasil. O episódio também ressaltou a necessidade de uma investigação rigorosa e transparente para garantir justiça para João Pedro e sua família, além de medidas eficazes para prevenir futuros casos de violência policial contra a juventude brasileira⁷.

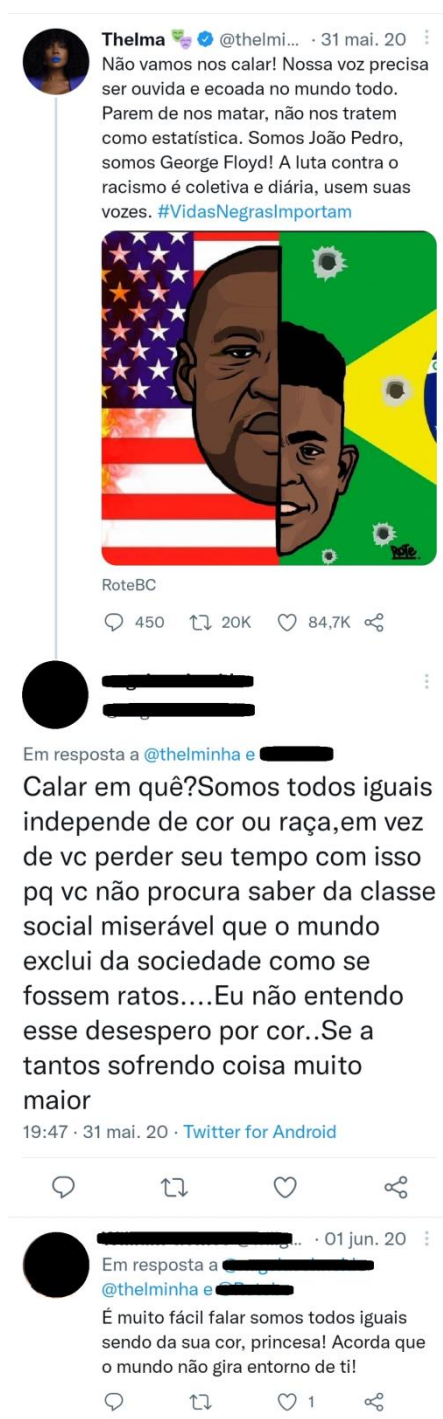
O caso de George Floyd é um marco significativo na história contemporânea dos Estados Unidos, destacando as tensões raciais e a brutalidade policial enfrentada pela comunidade negra. Em 25 de maio de 2020, Floyd, um homem negro desarmado, foi detido pela polícia de Minneapolis, Minnesota, sob a suspeita de usar uma nota falsificada de US\$ 20. Durante a prisão, o oficial Derek Chauvin pressionou o joelho contra o pescoço de Floyd por quase nove minutos, mesmo após ele implorar por ar e declarar que não conseguia respirar. O incidente foi capturado em vídeo e rapidamente se tornou viral, desencadeando protestos em massa em todo o mundo e

⁷ Disponível em: <Menino de 14 anos morre durante operação das polícias Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, RJ | Rio de Janeiro | G1 (globo.com)>;

reacendendo o debate sobre a brutalidade policial e a justiça racial nos Estados Unidos. O julgamento de Derek Chauvin resultou em sua condenação por homicídio e homicídio culposo em abril de 2021, um veredito que muitos consideraram um passo em direção à responsabilização das forças policiais por abusos contra minorias étnicas⁸.

⁸ Disponível em: <Caso George Floyd: Procuradoria de Minnesota endurece acusação contra policial | Jornal GloboNews Edição das 16 | G1>.

Figura 5 – Contexto Discursivo 1 – George Floyd e João Pedro



Fonte: Twitter-X

Inicialmente analisamos a figura 5, temos três discursos que dialogam entre si cujos sujeitos são: Thelma, Carla e Jonas. A Análise Dialógica do Discurso

bakhtiniana, explorando as interações entre esses fragmentos, nos auxiliou para identificarmos os processos dialógicos que evidenciam a arena discursiva.

No discurso de Thelma, podemos identificar o fenômeno do heterodiscurso através da referência aos casos emblemáticos de João Pedro e George Floyd. Essas referências evocam não apenas as vozes individuais dessas vítimas, mas também ressoam com discursos e movimentos de luta contra a violência policial e o racismo que surgiram em contextos anteriores, tanto nacional quanto internacionalmente.

A presença dessas referências heterodiscursivas amplia a discussão e conecta o fragmento a um contexto mais amplo de lutas e movimentos antirracistas, destacando forças centrífugas como “nossa voz precisa ser ouvida / parem de nos matar / a luta contra o racismo é coletiva e diária”, que buscam diversificar as perspectivas e trazer à tona as vozes marginalizadas e suas experiências de opressão. Ou seja, ela vai na contramão discursiva do silenciamento de vozes negras.

É essencial ressaltar como o racismo estrutural se manifesta nessa discussão. O racismo estrutural refere-se a um conjunto de práticas, políticas e ideologias que perpetuam a desigualdade racial e a marginalização de grupos étnico-raciais. Na figura 5, observamos a denúncia da violência e dos assassinatos de pessoas negras, ressaltando a desigualdade na forma como essas vidas são tratadas e percebidas.

No discurso de Carla, o heterodiscurso se manifesta na resposta crítica à ênfase dada à cor da pele. Essa voz discursiva aponta para a questão da classe social e a exclusão vivenciada por pessoas marginalizadas, revelando uma intertextualidade com discursos que destacam as desigualdades sociais como fatores determinantes para a experiência de sofrimento, sugerindo a existência de forças centrípeta que buscam centralizar a discussão em fatores mais amplos de exclusão e marginalização que não levam em consideração a etnia dos sujeitos.

Carla, que contesta o foco na questão racial e argumenta sobre a importância de se preocupar com a desigualdade social de forma mais ampla, podemos identificar uma polêmica velada. A crítica à ênfase na cor e a sugestão de que outros grupos também sofrem com a exclusão social representam um posicionamento que não é explicitamente oposto ao discurso anterior, mas traz à tona uma perspectiva alternativa. Nesse caso, a polêmica é expressa de maneira indireta, sugerindo uma divergência de opiniões sem confrontação direta.

O discurso de Thelma, que clama por não se calar diante do racismo e exige que a voz das vítimas seja ouvida, evidencia a existência de um sistema de opressão racial enraizado nas estruturas sociais, políticas e culturais. Essa perspectiva alinha-se com a teoria do racismo estrutural, que enfatiza que o racismo não é apenas um conjunto de atitudes individuais, mas sim um conjunto de normas, práticas e instituições que perpetuam a desigualdade racial.

A crítica que Carla faz a Thelma quanto à ênfase na cor da pele e a menção à exclusão social também apontam para a existência de estruturas sociais racistas e sistemas de opressão que afetam de maneira desproporcional as pessoas de grupos étnico-raciais minoritários. Essa discussão evidencia a necessidade de uma análise mais profunda das estruturas e sistemas que perpetuam o racismo, a fim de promover a igualdade e a justiça social.

A usuária Carla, que tem o lugar de fala de mulher branca (RIBEIRO, 2019), cujo perfil sinaliza ser moradora da cidade de Dourados-RS, em resposta ao *tweet* da Thelma, evidencia a ideia de igualdade social em que a etnia não seria parâmetro para distinguir as pessoas. Além disso, acredita que exista uma obsessão pela pauta do racismo, mas que seria uma pauta de desesperados, pois, numa leitura de classes sociais, a mulher sinaliza a classe de pessoas miseráveis que vive condições precárias de vida por causa da ação humana. Isso, sim, no ponto de vista da interlocutora, seria uma luta digna de se lutar.

O texto da Carla apresenta uma voz que questiona o foco na questão racial, argumentando que a desigualdade social afeta diversas pessoas, independentemente de sua cor ou raça. Essa visão sugere a importância de considerar não apenas o aspecto racial, mas também as dimensões socioeconômicas que estão interligadas com o racismo estrutural. Nesse contexto, a teoria do racismo estrutural destaca que o racismo não é apenas um fenômeno individual, mas sim um sistema de opressão enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas.

Apresenta uma voz que contesta o foco na questão racial, argumentando que a desigualdade social afeta diversas pessoas, independentemente de sua cor ou raça. Essa visão levanta a discussão sobre a interseccionalidade, que é a compreensão de que as identidades e experiências individuais são moldadas por uma variedade de fatores, incluindo raça, classe social, gênero, entre outros. Embora seja importante

reconhecer a complexidade da opressão social, é fundamental não perder de vista a especificidade e o impacto do racismo estrutural na vida das pessoas negras.

Jonas, homem negro, usuário do Twitter-X desde 2011, por sua vez, também se coloca como interlocutor das duas mulheres, pois, ao responder o comentário da Carla na rede social, automaticamente o usuário passa a interagir com o perfil que publicou o enunciado principal e com o exato perfil do comentário que ele está respondendo. Seu discurso vem em sinal de alerta para algo que podemos chamar de lugar de fala. Ele declara que a visão de valores da Carla acerca da igualdade seria capciosa por ela ser uma mulher branca.

Jonas se utiliza do fenômeno do heterodiscurso através da provocação e confronto direto à voz discursiva anterior. Essa resposta irônica à Carla sugere uma influência de discursos que questionam a percepção de privilégios atribuídos a determinadas raças e reforça a necessidade de uma análise crítica dessas concepções.

Jonas (imagem 2), que questiona a ênfase na igualdade racial e apresenta um tom desdenhoso em relação ao discurso da voz anterior, também revela uma polêmica velada. A crítica à ideia de igualdade racial é feita de maneira sutil, utilizando sarcasmo e ironia para desqualificar o argumento da voz anterior. Essa forma de polêmica velada cria um ambiente de disputa de ideias sem uma confrontação frontal.

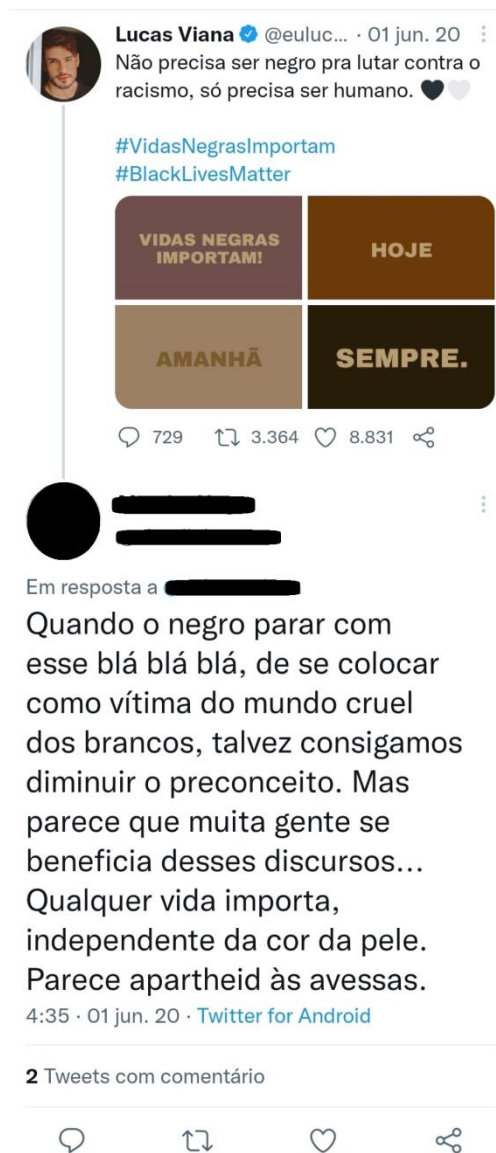
Antes de vencer o *reality*, Thelma era apenas mais uma pessoa anônima, com o seu discurso que não abrangia tantas pessoas. No então momento da postagem, percebe-se um entendimento da responsabilidade social de ser e estar na posição de poder agora ocupa. O discurso da Thelminha fundamental para que se entenda a causa antirracista não somente como uma luta por direito à vida, mas também uma alerta para pessoas não pretas engajarem a causa e assumirem sua parcela na responsabilidade que é manter vivas pessoas pretas, sobretudo crianças, num país extremamente preconceituoso, violento e desigual.

Por outro lado, toda vez que um discurso de que “somos todos iguais” aparece como um argumento de fácil utilidade, muitas vezes visto como um movimento de inclusão e superação, sabemos que, na verdade, trata-se de um discurso de ódio. Numa visão social, as pessoas não são todas iguais, e não vêm da mesma origem. A

criança preta baleada dentro de casa não é socialmente igual à criança branca que vive na proteção de seu lar.

O discurso de ódio precisa ser combatido pois é com esse tipo de fala que muitos querem nos convencer de que nossas lutas são por puro egoísmo, pois existem pessoas “sofrendo coisa pior”. É, consciente ou não, uma tentativa de neutralizar o direito de uma criança preta à vida; intervir no direito de familiares de protestarem contra um sistema que assassina seus filhos; esse tipo de discurso diz, e quer nos convencer, de que lutar pela vida de pessoas pretas é uma perda de tempo.

Figura 6 – Contexto Discursivo 2 – Lucas Viana e Marcos



Fonte: Twitter-X

Muitos usuários declararam apoio ao movimento antirracista e alguns fizeram questão de alertar e reforçar que a luta contra o racismo estrutural não é apenas de pessoas pretas, mas de todos. É o caso do modelo Lucas.

Lucas Viana, modelo e digital influencer, cujo nome de usuário corresponde à @eulucasviana⁹. Lucas é um homem branco e declara que a necessidade de ter e defender práticas antirracistas não tem a ver com a etnia a que se pertence, mas ao caráter humano, o que aparentemente denota que o modelo acredita que o racismo esteja relacionado à empatia e a todos os adjetivos que correspondam ao campo de interesse emotivo para decidir o posicionamento em relação à prática racista.

A imagem 3 precisa de uma discussão inicial Djamila Ribeiro, em seu livro *Lugar de fala*, (2019), nos explica que lugar de fala não é algo apenas relacionado ao simples fato de ser ou não ser o sujeito ativo ou passivo da enunciação, que pratica ou sofre ações sociais ou vive a realidade discursiva do contexto enunciativo como agente transformador do mundo e do espaço, isso mais tem a ver com o pertencimento e a propriedade de ser e estar que torna cada pessoa única.

Lugar de Fala é um posicionamento que atravessa a todos, cada um que pertença a seu modo, não importa, todos os indivíduos têm um seu próprio lugar de fala, ele não pode ser confundido, nem negado. Lucas Viana não tem o lugar de fala do homem negro que luta pelos seus direitos de igualdade racial, pelo reconhecimento de ser e estar, viver, existir, coexistir e resistir num país cuja construção estrutural é racista, pois esse é o lugar de fala do homem negro brasileiro. Lucas tem o lugar de fala de homem branco brasileiro que coexiste com homens negros brasileiros num país estrutural e institucionalmente racista e que, pelo simples fato de ser branco, lhe são garantidos privilégios e oportunidades humanas que o homem negro nunca teve, mas que entende que a luta contra as práticas racistas é uma responsabilidade coletiva.

Pensar essa responsabilidade coletiva sobre o lugar de fala e o racismo estrutural significa apontar que, quando o indivíduo alega não ter lugar de fala para discutir as práticas racistas e antirracistas, é possível se eximir da responsabilidade sobre esse problema social quando não se pertence ao público negro brasileiro. Ora, seria então uma luta legal, social, econômica, étnica, moral apenas das pessoas negras porque é isso que elas são: negras? A conscientização e o reparo social, econômico, emocional das pessoas negras não recai sobre todo o povo brasileiro já que são indivíduos sociais da mesma convivência? (RIBEIRO, 2019).

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/eulucasviana>>.

Desse modo, o lugar de fala perpassa por todos os indivíduos sociais de um povo, que divide com o seu contemporâneo as bonanças e as mazelas que são, e apenas dessa forma, construídas em coletivo como resultado do conjunto de todas as potencialidades interacionais (dialógicas) dos grupos sociais de um povo. Cada um do seu ponto de vista, com sua participação, seus valores e relevância dentro da construção da realidade de um povo é responsável e assume um lugar de fala (RIBEIRO, 2019).

Marcos é deliberado sobre ser o interlocutor de Lucas Viana ao optar por interagir com o discurso postado a respeito das práticas antirracistas serem de responsabilidade de todos. É autodeclarado brasileiro de direita, bolsonarista e antipetista. Nesse contexto, assume a voz social de homem negro cujo discurso é antagônico às práticas antirracistas.

No discurso de Lucas Viana, a força centrípeta é evidente ao destacar a ideia de que a luta contra o racismo não está restrita àqueles que pertencem à etnia negra, mas é uma responsabilidade de todos os seres humanos. Essa perspectiva busca promover a união e a solidariedade na busca por um mundo mais igualitário. Lucas enfatiza a importância da empatia e do reconhecimento do valor intrínseco de cada indivíduo, independentemente de sua cor de pele.

Por outro lado, Marcos apresenta uma força centrífuga ao questionar o discurso de vitimização e afirmar que é necessário parar com o "blábláblá" de se colocar como vítima do mundo cruel dos brancos. Sua visão sugere uma abordagem mais crítica em relação à narrativa de injustiça racial, questionando se alguns indivíduos se beneficiam desses discursos. Ao mencionar o termo "apartheid às avessas", Marcos traz à tona a noção de que as discussões sobre racismo podem, por vezes, exacerbar as diferenças e a segregação social.

Essas diferentes perspectivas revelam uma tensão entre os discursos, em relação às estratégias para combater o racismo. Enquanto Lucas enfatiza a importância de um engajamento coletivo e uma abordagem inclusiva, Marcos parece sugerir que o foco na vitimização pode gerar ressentimentos e dificultar a superação das barreiras raciais.

O lugar de fala é realmente um conceito difícil de ser entendido amplamente por uma grande massa de pessoas, mas com esforço não é impossível alcançar esse

feito. Viana tem um lugar de fala de homem branco, privilegiado, e que agora, com o discurso *tweetado* em rede, torna-se apoiador da causa antirracista. Não se pode negar que é preciso que cada vez mais pessoas brancas endossem o movimento.

O modelo usa a sua voz pública para se posicionar diante das atrocidades que acontecem no Brasil em relação às vidas negras assassinadas e seu posicionamento acaba por se tornar um convite para que outras pessoas brancas sejam encorajadas a se posicionar diante da onda de violência. É preciso lembrar que não é uma atitude fácil, pois é, para a branquitude brasileira, bastante cômodo manter as estruturas racistas do país.

O engajamento de pessoas brancas na luta pela vida de pessoas pretas é fundamental, pois é justamente pelas mãos de pessoas brancas que crianças, mulheres e homens são assassinados cotidianamente. A esse fato, lembro que não é somente bala que mata, mas a fome, doenças físicas e mentais, e o todo o descaso socioeconômico do país contribuem para que seja cada dia mais difícil ser um cidadão negro vivo no Brasil.

Figura 7 – Contexto Discursivo 3 – Sport Club Internacional e interlocutores

 **Sport Club Interna...** · 31 mai. 20 ·
No país que viveu séculos de escravidão, importam por serem as que menos sonham e mais morrem. Importam por Ágatha, João Pedro e cada nome que virou estatística.

Por isso, o Clube do Povo precisa se manifestar e lutar contra o racismo. Aqui, desde sempre [#VidasNegrasImportam](#)



511 · 7.034 · 21,6K

 
@

Em resposta a [@SCInternacional](#)



20:38 · 31 mai. 20 de Pelotas, Brasil ·
[Twitter for Android](#)

18 Retweets · 2 Tweets com comentário

202 Curtidas

  · 01 jun. 20 ·
Em resposta a [@SCInternacional](#)

Racismo na sua maior parte são vcs que criam. Existe somente uma raça, humana independente da cor e ficam com essa palhacada. quantos brancos negros amarelos nestas mesmas manifestações não morreram. Não viram o dono do restaurante espancado, ele era branco e não importa então?

Fonte: Twitter-X

Outro que caso chamou atenção em meio à onda de protesto foi da menina Ágatha Félix, de apenas 8 anos, um exemplo angustiante da violência armada que afeta especialmente as comunidades periféricas no Brasil. Em 20 de setembro de

2019, Ágatha Félix, uma criança de apenas 8 anos, foi atingida por um disparo de arma de fogo durante uma ação policial na Fazendinha, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Segundo relatos, a menina estava dentro de uma van com sua família quando foi atingida por um tiro nas costas. O caso gerou revolta e indignação, evidenciando as graves consequências da violência policial indiscriminada e levantando questionamentos sobre as políticas de segurança pública adotadas no país. A morte de Ágatha Félix tornou-se um símbolo da luta contra a brutalidade policial e pela proteção das crianças e jovens que vivem em áreas de vulnerabilidade social, destacando a urgência de medidas efetivas para garantir a segurança e o respeito aos direitos humanos dessas comunidades. O caso chama atenção também pela contradição entre o relato dos policiais envolvidos que não coincidem com o relato de vários moradores da comunidade e familiares presentes no momento do assassinato da menina de 8 anos¹⁰:

Versão da família e moradores

- PMs atiraram contra uma moto que passava pelo local, e o tiro atingiu a criança.
- Testemunhas dizem que, no momento, não havia confronto. “**Foi só um único tiro.** A moto passou, os policiais desconfiaram da moto, atiraram em cima da moto e acertaram na Kombi onde estava a minha sobrinha”, afirmou Danilo Félix, tio da menina.
- O motorista da Kombi também afirmou que não havia tiroteio. “Foram dois disparos que ele [policial] deu. Falou que foi tiroteio de todos os lados, é mentira! Mentira!”, disse o motorista no enterro da menina.

Versão da polícia

- A PM disse que **houve confronto**. Segundo o porta-voz da PM Mauro Fliess, os policiais disseram que “foram atacados de forma simultânea por marginais daquela localidade”.
- “Não há nenhum indicativo nesse momento de uma participação efetiva do policial militar no triste episódio que vitimou a pequena Ágatha”, disse o porta-voz (G1, 2029).

No Twitter-X, O Sport Club Internacional, @SCInternacional¹¹, ressalta a importância das vidas negras no Brasil relacionando-a à historicidade dos povos escravizados no país, conseqüentemente vivendo uma vida de privações, desde os sonhos até a privação da própria vida. O perfil oficial do time de futebol lembra que o clube tem uma relação direta com o povo e que há a necessidade de manifestar-se

¹⁰ Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>>.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/SCInternacional>>.

contra o racismo. O discurso é misto, em que é possível identificar uma imagem antiga do clube com muitas pessoas negras segurando o estandarte do time, endossando sua argumentação de proximidade com a população negra brasileira.

Matheus, homem branco, acesso ao *Twitter-X* por dispositivo Android, responde o discurso inicial da imagem 4 com um discurso misto ao postar uma foto declarando amor pelo time de futebol e ódio à prática criminosa do racismo. A resposta teve mais de duzentas pessoas em apoio ao discurso, na forma de curtidas, likes, que é uma ação dialógica da rede social onde os usuários apertam um botão para sinalizar que estão reforçando ou apoiando o discurso em questão.

Na sequência, o usuário Ricardo responde aos interlocutores que as pessoas que lutam contra o racismo são, na verdade, as lutadoras do racismo, e que só existe uma raça, a humana. O sujeito dispara um questionamento sobre a vida de pessoas brancas mortas, não seriam também importantes. O tweet em questão foi apagado após o acesso, porém, sua contribuição dialógica, assim como todos os enunciados, foi de grande importância na construção de sentido contextual da publicação do clube de futebol Internacional.

Outro aspecto importante na análise é a tentativa de diminuir a importância das diferenças raciais. Ao argumentar que existe apenas uma raça humana, independentemente da cor da pele, Ricardo procura desvalorizar a relevância dada às questões raciais. Essa abordagem pretende enfraquecer o discurso antirracista, sugerindo que o movimento é baseado em uma "palhaçada", termo que denota desrespeito e desqualificação.

Em sua fala, Ricardo emprega um discurso que sugere uma visão deslegitimadora do combate ao racismo. Ao afirmar que o racismo é majoritariamente criado pelos próprios defensores da luta antirracista, ele busca minar a credibilidade do movimento, insinuando que suas ações exacerbam o problema que buscam solucionar. Essa estratégia discursiva indireta é característica da polêmica velada, pois o sujeito não confronta frontalmente o discurso antirracista, mas questiona sua eficácia e impacto.

Além disso, o usuário utiliza exemplos de violência e discriminação enfrentadas por brancos, negros e amarelos para desviar a atenção das especificidades do racismo estrutural. Ao mencionar casos em que indivíduos de diferentes raças sofrem

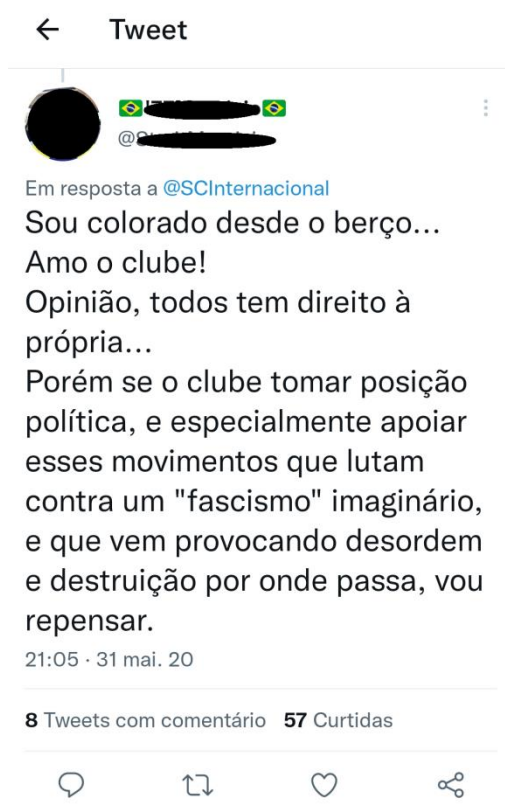
violência, ele busca relativizar a importância da luta antirracista, insinuando que outras formas de violência são igualmente relevantes. Essa estratégia discursiva visa desviar o foco do debate sobre o racismo estrutural e diluir a urgência de enfrentar esse problema específico.

Em resumo, a fala de Ricardo revela uma polêmica velada, na qual ele busca minar a credibilidade e a relevância do movimento antirracista sem confrontá-lo diretamente. Por meio de argumentos que questionam a eficácia da luta antirracista, desvalorizam as diferenças raciais e relativizam a importância do racismo estrutural, Ricardo procura desacreditar o discurso oposto sem se expor abertamente ao confronto. Essa estratégia discursiva caracteriza a presença de uma polêmica velada na fala de Ricardo.

Enquanto a luta por direito à vida for encarada como uma “palhaçada”, como um movimento jocoso e insignificante, vidas pretas não terão valor; não somente para racistas anônimos em perfis de redes sociais, mas também para racistas que detêm o poder de não empregar uma pessoa preta para que, com os esforços do seu trabalho, alimente sua família; ou um racista que esteja com o dedo no gatilho quando alguém passar de bicicleta.

Quando o interlocutor declara que “racismo em sua maior parte são você quem criam” é como se as pessoas pretas tivessem qualquer responsabilidade no sistema estrutural racista em que vivemos, ou pelo menos pode ser nisso em que ele acredita. Talvez pelo comodismo de uma consciência tranquila? O que se sabe, ou deveria ser sabido, é que o racismo nunca foi culpa das vítimas, não o é, e nunca será.

Figura 8 – Contexto Discursivo 3.1 – Sport Club Internacional e interlocutores



Fonte: Twitter-X

O usuário da rede social Twitter-X identificaremos como Fernando. Inicia o seu discurso com uma breve introdução argumentando sobre seu perfil de torcedor "desde o berço", aponta. Na construção desse enunciado, o usuário apela para a credibilidade do seu discurso, seu posicionamento axiológico, em função de uma torcida de longa data, para que seu discurso não seja desarticulado com uma tréplica que tente estabelecer uma polêmica, aberta ou velada, que pudesse questionar suas reais intenções sobre assumir um discurso de torcedor ou de alguém que apenas se interessou pela temática do antirracismo. Na sequência, ainda construindo seu alibi discursivo, acrescenta "amo o clube".

Nesse primeiro momento do discurso de Fernando, o interlocutor articula seu enunciado de modo a construir na arena discursiva um ambiente argumentativo para a força centrífuga que estaria prestes evidenciar a partir da impressão axiológica que o usuário tem de si mesmo e que julga ser algo relevante em sua defesa da polêmica

que se iniciaria no discurso. Ou seja, utilizou-se de um movimento defensivo através de um posicionamento axiológico para fomentar a polêmica iminente.

Dando continuidade à construção do ambiente argumentativo, Fernando apela para o senso comum com uma frase de efeito popular cuja interpretação é indiscutível que é o direito à opinião. Nesse ponto, o interlocutor transporta o leitor para uma perspectiva opinativa, logo, não haveria transtorno em um heterodiscurso, que por natureza é multifacetado, apresentar uma polêmica de cunho opinativo. Tal estratégia faz com que o leitor pouco atento acabe trazendo o âmbito da discussão de crime que é o racismo para o campo da opinião, que não é crime algum. Logo, o usuário cria a inferência de que discordar das práticas antirracistas não seria necessariamente concordar com o crime de racismo ou corroborar para uma estrutura racista na sociedade, mas apenas opinar abertamente sobre um assunto onde todos poderiam opinar quando na verdade os cidadãos não deveriam discutir se concordam ou não concordam com práticas criminosas.

O texto fornecido por Fernando revela sua posição como torcedor do clube Colorado e sua forte identificação e amor pelo clube. Ele começa afirmando sua afinidade com o clube, destacando que é "colorado desde o berço" e declarando seu amor pelo time. Em seguida, ele ressalta que todos têm direito à própria opinião, evidenciando a importância da liberdade de expressão.

No entanto, o autor expressa sua preocupação caso o clube tome uma posição política e, especialmente, apoie movimentos que ele considera lutarem contra um "fascismo" imaginário. Ele utiliza as aspas para questionar a legitimidade desses movimentos e argumenta que eles têm provocado desordem e destruição por onde passam. Essa afirmação sugere uma visão crítica e desaprovação em relação a esses movimentos e às consequências que ele acredita que eles trazem.

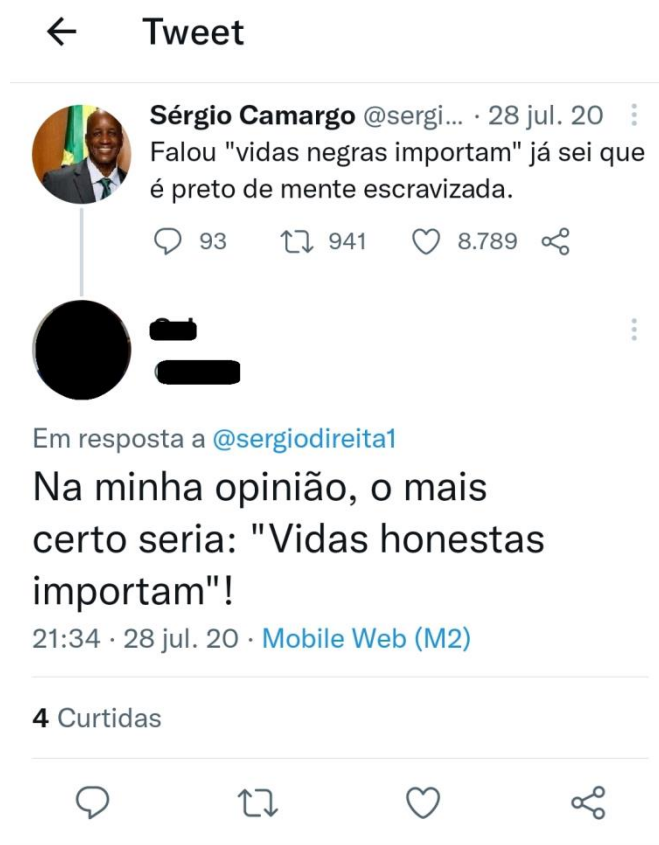
A polêmica se caracteriza por um confronto de ideias, opiniões e valores divergentes, em que há a expressão de discordância e debate. No texto, podemos identificar a presença dessa noção a partir da oposição entre a posição do autor e a posição política que ele teme que o clube adote.

Através de sua fala, o autor estabelece um diálogo implícito com outras vozes que defendem os movimentos que lutam contra o que ele considera um "fascismo" imaginário. Essa polêmica surge a partir da divergência de visões políticas e da

percepção de diferentes realidades. É importante destacar que a polêmica não se manifesta explicitamente no texto, mas pode ser inferida pela posição contrária do autor em relação a esses movimentos.

Essa polêmica apresenta um espaço de confronto de ideias, no qual diferentes vozes e perspectivas entram em diálogo. Essa tensão dialógica é um aspecto fundamental da teoria bakhtiniana, pois reconhece a natureza discursiva da interação humana e a importância do diálogo como um meio de construção de significados e compreensão mútua.

Figura 9 – Contexto Enunciativo 4 – Sérgio Camargo e André



Fonte: Twitter-X

Sérgio Nascimento de Camargo, atual presidente da Fundação Palmares, fundação que cuida da preservação da cultura negra ou decorrentes de sua influência no Brasil, graduou-se jornalista em 1988 pela PUC-SP, como experiência profissional

desde antes de se formar já atuava como redator na Procultura/Assessoria de imprensa, daí em diante teve passagens pela CBN, Folha de São Paulo e outras agências de menor expressão, conforme consta na página de seu currículo no *site* da Fundação Palmares.

Sergio Camargo é filho de Oswaldo de Camargo e irmão de Wadico Camargo, sua mãe não é citada nas fontes consultadas. O primeiro, é um escritor com influências parnasianistas e modernistas, que teve contato com pessoas de expressão: como o crítico Sérgio Millet, Clóvis de Moura e Florestan Fernandes, Oswaldo é um ativista do movimento negro, sua obra gira em torno dessa temática, de acordo com reportagem da Folha de São Paulo, ele é um dos mais importantes representantes da literatura negra no país. Já Wadico, é produtor cultural e já se manifestou em protesto contra seu irmão, é dele a frase: “tenho vergonha de ser irmão desse capitão do mato”.

O presidente da Fundação Palmares, se tornou uma figura polêmica ao ser empossado pelo atual presidente da república para o cargo. Foi indicado pelo então secretário de cultura, Roberto Alvim, que deixou a pasta após ter feito um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão, que se utilizava de uma estética nazista, mais especificamente, que copiava em termos de conteúdo da fala, de cenário e até da música ao fundo um pronunciamento feito pelo ministro da propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels.

Sergio, não raro, realiza postagens nas redes sociais ou faz declarações a entrevistadores negando que exista racismo no Brasil, afirmando que a escravidão foi benéfica para os negros, entre outras afirmações. Se diz um negro de direita, conservador e que é contra o “*mimimi da negrada*”, referindo-se a constante luta dos negros e dos movimentos negros contra o racismo e marginalização¹².

O ex-presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, ou @camargodireita¹³, em 28 de julho de 2020, quando a *hashtag* já ganhara proporções nacionais e internacionais, publicou um discurso que refere o homem negro antirracista como uma pessoa cuja mente estaria escravizada. O ex-presidente é um

¹² Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/09/4947634-sergio-camargo-sou-o-terror-dos-afromimizentos-e-da-negrada-vitimista.html>>.

¹³ Disponível em: <<https://twitter.com/CamargoDireita>>.

homem negro, apoiador do antigo governo Bolsonaro e se declara politicamente de direita.

Em resposta ao seu discurso, Sérgio Camargo recebeu a publicação de André, homem branco, simpatizante ou religioso católico, que faz uma correção para enfatizar a fala do interlocutor de que "vidas honestas importam". O discurso deixa a interpretação aberta para uma ambiguidade que será explorada à frente. Vale ressaltar que o ex-presidente excluiu especificamente esse tweet de sua conta, porém, a resposta de André permanece na plataforma e o print eternizou a interlocução entre os sujeitos.

Sérgio Camargo, podemos identificar uma manifestação de valores axiológicos que refletem sua visão pessoal ou conveniência política sobre a expressão "vidas negras importam". Ao associar essa expressão a uma mente escravizada, ele expressa claramente sua discordância e rejeição ao movimento que luta contra o racismo e reivindica a valorização das vidas negras. Essa declaração revela uma perspectiva em que os valores de igualdade, justiça e reconhecimento da importância das vidas negras não são considerados relevantes ou dignos de apoio. Portanto, seus valores axiológicos podem estar mais alinhados com uma visão individualista ou até mesmo discriminatória.

Por outro lado, no fragmento de André, podemos observar uma opinião que reflete uma ênfase em valores axiológicos diferentes. Ao sugerir que "vidas honestas importam", André está expressando uma perspectiva em que a honestidade é valorizada e considerada como um critério principal para a importância das vidas. Isso implica uma valorização da integridade, probidade e ética nas relações humanas. Essa afirmação pode ser interpretada como uma crítica implícita às noções de raça ou cor de pele como critérios para determinar o valor das vidas. Nesse sentido, os valores axiológicos destacados nessa fala são associados à ideia de igualdade de oportunidades e tratamento justo para todos, independentemente de sua origem étnica.

Vale mencionar que um mecanismo muito eficiente, não só no racismo estrutural, mas em quase todas as vezes em que o oponente é determinado, forte e complexo, é justamente fazer com que esse oponente se divida, brigue entre si e destrua-se de dentro para fora. O letramento racial não é uma cartilha passada de

geração em geração para todas as pessoas negras, como numa ordem secreta. É algo natural, de interesse e iniciativa particular ou coletiva.

O posicionamento de Sérgio de Camargo faz com que nos preocupemos ainda mais com os discursos de ódio que nos ensinam a nos odiarmos, a desempenharmos, por vezes, o papel dos nossos algozes. Isso pode acontecer numa tentativa de não reconhecer a si próprio como pertencente de um povo, tentando aceitação num imaginário da branquitude.

As investidas contra as vidas negras têm tornado cada dia mais desafiador, e tem pessoas que podem acabar não se reconhecendo nesse processo de genocídio do povo negro.

Figura 10 – Contexto Enunciativo 5 – Deputada Isa Penna e Paula



Fonte: Twitter-X

O caso do Menino Miguel diz respeito a um incidente trágico ocorrido em junho de 2020 na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil. Miguel Otávio Santana da Silva, um menino de cinco anos de idade, caiu do nono andar de um prédio de luxo onde sua mãe trabalhava como empregada doméstica. O incidente provocou uma comoção nacional, destacando questões relacionadas à desigualdade socioeconômica, negligência infantil e a vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas no Brasil.

A investigação policial revelou que o menino estava sob os cuidados da empregadora de sua mãe no momento da queda, e foi deixado sozinho no elevador. Este trágico evento despertou debates sobre a necessidade de políticas públicas mais eficazes para proteger os direitos das crianças e promover condições de trabalho dignas para os empregados domésticos. O caso do Menino Miguel não apenas

evidencia a necessidade de uma abordagem mais rigorosa para garantir a segurança infantil, mas também destaca a persistência das desigualdades sociais e econômicas que permeiam a sociedade brasileira.

Isa Penna @isapenna¹⁴, então deputada estadual da cidade de São Paulo, é uma mulher branca, “militante, ecossocialista, feminista e bi(sexual)!”, que faz uma publicação em defesa do caso Miguel repudiando o sistema de classes sociais brasileiro. Sua crítica chega a tocar num ponto interessante para as nossas investigações que é indispensável à análise: as famílias negras morrem, as famílias brancas vivem.

Como interlocutora da Isa Penna, a usuária Paula, uma mulher branca em cuja biografia define-se como “conservadora, detesto injustiças e corrupção, quem está no poder não pensa no futuro das próximas gerações! eles pensam serem eternos!”. No entanto, opõe-se à fala da deputada desqualificando o seu discurso à qualidade de *fake news*.

As forças centrípetas, que tendem a unir as vozes em torno de pontos comuns, podem ser observadas na fala da Deputada Isa Penna. Ela enfatiza a importância de valorizar as vidas negras e combater o racismo, o que pode encontrar eco em discursos e movimentos que buscam promover a igualdade racial. A utilização das *hashtags* #VidasNegrasImportam e #BlackLivesMatter também pode ser entendida como um apelo à solidariedade e à mobilização coletiva em torno dessa causa.

Por outro lado, as forças centrífugas, que geram divergências e tensões entre as vozes discursivas, estão presentes na fala de Paula. Ela questiona as afirmações da Deputada Isa Penna e argumenta que são exageradas e baseadas em informações falsas, expressando um posicionamento contrário ao discurso da deputada. Essa divergência de opiniões pode gerar um distanciamento e até mesmo confronto entre as vozes, dificultando a construção de consensos e diálogos mais harmoniosos.

A fala da Deputada Isa Penna, podemos identificar uma polêmica aberta ao abordar a morte do menino Miguel Otávio e fazer uma crítica contundente à elite brasileira. Ao afirmar que o dinheiro e a comodidade da vida dos brancos valem mais do que a vida dos negros para essa elite, a deputada expõe um posicionamento

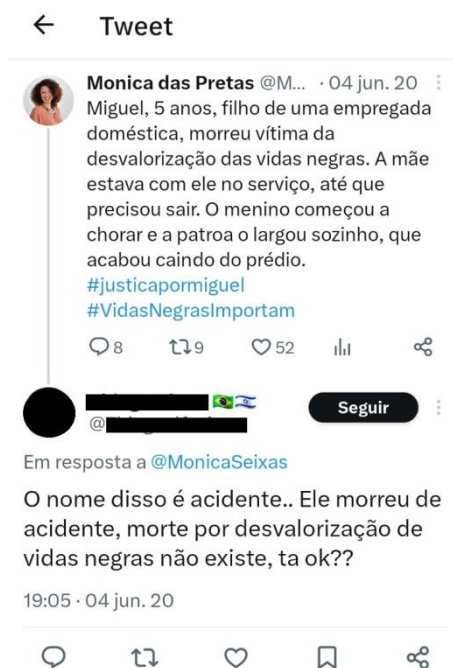
¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/isapenna>>.

polêmico que provoca confrontação e divergência de opiniões. O uso das *hashtags* #VidasNegrasImportam e #BlackLivesMatter também amplia o alcance da polêmica, estabelecendo conexões com movimentos antirracistas e promovendo a discussão sobre a valorização das vidas negras.

Por outro lado, na fala de Paula, podemos identificar uma polêmica velada. Ao utilizar a expressão "É muita viagem!" e afirmar que "Vocês já são as próprias FAKE NEWS!", Paula indica uma discordância em relação ao discurso da Deputada Isa Penna, porém, sem confrontar diretamente suas ideias. Essa polêmica velada sugere uma divergência de opiniões e alimenta o debate ao questionar a veracidade das informações compartilhadas pela deputada, desafiando, de forma indireta, o discurso anterior.

Na fala da Deputada Isa Penna, identificamos valores axiológicos relacionados à justiça social e à valorização das vidas negras. Ao afirmar que a morte do menino Miguel Otávio reflete o que há de mais nojento na elite brasileira e que o dinheiro e a comodidade dos brancos valem mais do que a vida dos negros, a deputada evidencia uma crítica aos valores de privilégio e desigualdade presentes na sociedade. As *hashtags* #VidasNegrasImportam e #BlackLivesMatter reforçam o valor da igualdade racial e a importância de combater o racismo estrutural.

Por sua vez, na fala de Paula, podemos perceber uma valorização da verdade e uma crítica à Deputada Isa Penna. Ao afirmar que "É muita viagem!" e que "Vocês já são as próprias FAKE NEWS!", Paula evidencia um posicionamento que valoriza a veracidade das informações e questiona a credibilidade do discurso da deputada. Nesse contexto, a crítica à "viagem" e às "*fake news*" pode ser entendida pelo leitor como uma defesa dos valores da honestidade e da confiabilidade nas informações, já que o objetivo da Paula é descredibilizar a fala da deputada.



Fonte: Twitter-X

A última imagem registra o discurso de Monica das Pretas @MonicaSeixas, é uma mulher preta, atual deputada estadual em São Paulo, 36 anos, descreve o fatídico caso Miguel apontando para a semântica da *hashtag* quando afirma que existe um desprezo pela vida negra, quando precisou de companhia, foi abandonado e despencou fatalmente do prédio.

Lúcio, “Pai do Hugo e da Helena, Patriota, Cristão, Robô, Conservador!!” discorda veementemente de que a negligência da patroa da mãe de Miguel deixaria de acontecer se o garoto não fosse filho da empregada, que é negra, pois, para ele, tudo o que aconteceu não passou de um acidente. Lúcio é declaradamente bolsonarista.

No discurso de Monica das Pretas, podemos identificar a presença do heterodiscurso, uma vez que ela traz à tona uma problemática social e faz referência a um caso específico de desvalorização da vida de uma criança negra. Ela denuncia a falta de valorização das vidas negras na sociedade brasileira, destacando a condição de empregada doméstica da mãe de Miguel como um elemento que contribui para essa desvalorização. Ao utilizar as *hashtags* #justicapormiguel e

#VidasNegrasImportam, ela também faz referência a outros discursos e movimentos de luta contra o racismo e em busca de justiça.

Por outro lado, a fala de Lúcio representa uma força centrífuga em relação ao discurso de Monica. Ele nega a existência da desvalorização das vidas negras como fator contribuinte para a morte de Miguel, atribuindo o ocorrido apenas a um acidente. Essa posição contradiz o discurso de Monica e busca descreditar a sua perspectiva. Nesse sentido, a fala de Lúcio atua como uma força centrífuga, afastando-se da perspectiva de valorização das vidas negras e negando a dimensão social do racismo.

Essa polarização entre os discursos de Monica das Pretas e Lúcio reflete a existência de forças centrípeta e centrífuga no diálogo. A fala de Monica, ao denunciar a desvalorização das vidas negras e buscar justiça, representa uma força centrípeta, que busca reunir vozes em torno dessa questão e promover a conscientização sobre a importância de combater o racismo. Por outro lado, a fala de Lúcio, ao negar a existência desse problema e minimizar a questão, representa uma força centrífuga, que busca afastar-se dessa perspectiva e deslegitimar o discurso de Monica.

Ao explorarmos esses fragmentos de forma intertextual, percebemos como os discursos dialogam entre si, cada um trazendo sua própria visão e posicionamento em relação ao tema, contribuindo para a construção coletiva de sentidos. A intertextualidade e as relações de poder presentes nesses fragmentos revelam a complexidade do debate e a diversidade de perspectivas no que diz respeito à questão do racismo e da igualdade.

No discurso de Monica das Pretas, podemos identificar uma polêmica aberta, uma vez que ela expõe de forma clara e direta sua posição em relação à desvalorização das vidas negras. Ela denuncia o caso de Miguel como um exemplo dessa desvalorização e busca sensibilizar o público sobre a necessidade de justiça e valorização das vidas negras. Sua fala é assertiva e não deixa margem para interpretações ambíguas, evidenciando uma polêmica aberta e explícita.

Já no discurso de Lúcio, podemos identificar uma polêmica velada. Embora ele não mencione diretamente a desvalorização das vidas negras, sua fala contradiz o discurso de Monica ao minimizar o ocorrido como um mero acidente. Ele questiona a perspectiva de desvalorização das vidas negras ao afirmar que isso não existe,

apresentando uma visão que vai de encontro à posição de Monica. Essa polêmica é sutil e indireta, não confrontando diretamente o discurso de Monica, mas questionando implicitamente a relevância e a veracidade de suas afirmações.

É inevitável nos fazermos perguntas como: “O menino Miguel estaria vivo se fosse uma criança branca”? Arrisco dizer que existem questões mais refinadas para supormos uma hipótese. A maioria das empregadas domésticas são negras, exatamente 65%¹⁵. Isso significa que se o Miguel fosse de uma família branca, teria apenas 35% de chances de a mãe estar trabalhando como doméstica, ou seja, se apenas esse fator fosse levado em consideração, ele teria 65% de chances de estar vivo.

6.1 Convergindo pontos importantes

Os enunciados que envolvem a *hashtag* #VidasNegrasImportam nem sempre recebem interação em apoio ao movimento antirracista. Muitos usuários são contrários ao posicionamento em defesa à vida de pessoas negras assassinadas em decorrência do racismo estrutural existente. É possível encontrar comentários com a *hashtag* #TodaVidaImporta como resposta, pessoas negando o racismo estrutural existente no Brasil e a discussão polarizada ganha forma e proporção significativa, muitas vezes com marcas de violência verbal.

Os comentários apontam posicionamentos racistas que podem responder como o racismo estrutural e institucional, podem estar envolvidos no processo enunciativo do discurso de ódio racista, e um nível de ódio que precise de atenção por não estar tão explícita a violência verbal no discurso ali posto.

Silvio Almeida, em *Racismo Estrutural*, (2019), da coleção: *Feminismos Plurais*, organizado por Djamilia Ribeiro, constrói um caminho fundamental para o entendimento de como o racismo é institucionalizado numa sociedade. É algo que está para além do crivo da raça, no contexto genético da palavra, e mais para as

¹⁵ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais#:~:text=ouvir%3A,inferior%20a%20um%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo.>

relações de poder, que determinam quem sempre está onde sempre esteve porque essa é forma certa e assim sempre o foi. Desse modo, branco continuam assumindo o determinante de bom, belo e verdadeiro; vitorioso, bem-sucedido e honesto.

A construção dessa narrativa faz com que a sociedade não questione o porquê de tanto poder estar nas mãos de tão poucas pessoas, em sua massacrante maioria branca; o porquê de tanto privilégio existir em função da etnia. Isso, juntamente com o conceito de meritocracia, que defende a ideia de conquista e ascensão social pelo esforço próprio algo real e receitável para todos os contextos de existência em sociedade, corrobora para o pensamento coletivo de que não existe racismo no Brasil (ALMEIDA, 2019).

Discutir racismo com pessoas brancas que não se questionam por que estão em posições de dominação na sociedade não é algo comum, como também não é comum admitir que pratica o racismo no dia a dia. Isso reforça cada vez mais práticas racistas que vão sendo normalizadas com o tempo e tidas como algo não relacionado à prática racista influenciando, inclusive, pessoas negras a reproduzirem inconscientemente o racismo na sociedade.

Assim, Marcos, homem negro usuário do Twitter-X, faz uso da rede social para construir o seu discurso retórico sobre como os negros brasileiros deveriam parar de falar de racismo, bem como defende a ideia de vitimização por parte do povo negro que luta todos os dias por direito à vida e a ideia de que não é irrelevante tomar como parâmetro a etnia do povo brasileiro ao se discutir relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta dissertação, nossas principais inquietações era observar de que forma o discurso de ódio racista era constituído frente a um movimento de valorização da vida de pessoas pretas, analisar os enunciados para entender a dialogicidade existente por trás de discursos com forças de atuação conflitantes, entender como o ciberespaço pode ser ferramenta de luta e ódio.

A linguagem é implacável quando se trata de propagar-se, influenciar e naturalizar ideias através dos discursos. Os sujeitos utilizam os seus signos linguísticos também como forma de pertencimento e identificação com um grupo específico, uma comunidade discursiva específica.

O discurso de ódio, dentro desse processo da linguagem, pode encontrar um ambiente propício para se naturalizar quando os valores colocados em análise estão sendo defendidos por uma comunidade discursiva. Então, a naturalização do discurso que neutraliza, invalida e destrói uma pessoa pode acontecer através da propagação desse ódio colocado em pauta não apenas por uma única pessoa, mas por comunidades discursivas que se associam discursivamente umas às outras através dos valores e ideais.

No caso da rede social Twitter-X, com toda a proposta do novo, instantâneo e popular, as comunidades vão sendo agrupadas automaticamente por meio de tags, também num movimento de forças centrífugas e/ou centrípetas. Segundo a segundo os discursos vão se agrupando e, numa realidade numérica onde os números falam mais alto, um discurso de ódio com grande quantidade de adeptos pode passar a mensagem de força discursiva, moral, social.

Quando nos preocupamos com o discurso de ódio, pensamos justamente até onde poderia se propagar o ódio contra as pessoas pretas numa plataforma online que é tão líquida e instantânea como é o Twitter-X. Logo, uma ideia de ódio tem o potencial de ser naturalizada um discurso criminoso ou, ainda, tentar naturalizar a prática criminosa contra as pessoas pretas quando o discurso defende que o crime em si mesmo não se trata de um crime de racismo, mas de qualquer outra situação que trate o Código Penal.

Os discursos analisados revelaram que existe, sim, pessoas com ideais que fazem frente ao ódio, combatendo o racismo ativamente, assumindo a responsabilidade de uma pessoa não preta que tem uma responsabilidade social, moral e humanizada.

No entanto, tais ações não são suficientes para que não sejam interpretadas por um interlocutor, em algum momento, como um oportunismo para obter afirmação social, visibilidade, diante de uma pauta afirmativa séria e que garante crédito pessoal às pessoas não pretas que engajam na luta contra o racismo, não por responsabilidade propriamente dizendo.

Diante das considerações, o que mais chamou a nossa atenção foi o fato de várias crianças e adolescentes pretos perderem a vida pela violência sofrida em operações policiais em comunidades não comover a população. Crianças pretas morrem e seus corpos não comovem o ódio discursado pelos sujeitos racistas. Esse tipo de ódio é conivente com os mesmos assassinos de pessoas pretas escravizadas e continua a assassinar indiretamente corpos pretos invalidados. A desumanização desse discurso de ódio, por exemplo, desconsidera o direito à vida da criança e do adolescente estabelecido pelo ECA.

Ainda, os estudos dialógicos nos apontaram que mesmo um discurso de ódio pode ser dialógico. A cosmovisão dialógica compreende os fatores necessários para a dialogicidade sem juízo de valor, o que se admite é competência dialógica. Estabelecida a relação dialógica, então, utiliza-se a teoria dialógica como método de análise podendo, a partir desse ponto, admitir a subjetividade das impressões discursivas.

Em outras palavras, quando um discurso de ódio é constituído, os enunciados estão permeados de outros enunciados que foram construídos também para deslegitimar o outro. O contato com as ideias, nesse caso, constitui o *eu* que se admite superior em relação ao outro. O outro precisa existir e interagir com o *eu* do emissor do discurso de ódio para que ele se reconheça como superior, isso é dialógico.

Tal realidade implica dizer que discursos de ódio racista corroboram para a naturalização do assassinato de vidas negras. São crianças e adolescentes, jovens e adultos, mulheres e homens, idosos que vivem um descaso e processo de genocídio do povo negro brasileiro. É imperativo que se combata toda forma de opressão racista,

pois esses mecanismos servem para a manutenção da desigualdade social, étnica da nossa sociedade. Entender que muitos discursos não estão livres do racismo estrutural em que vivemos é imprescindível para que nos alertemos e combatamos essa violência tão sutilizada nos enunciados de ódio.

Por fim, consideramos a importância de cada vez mais estudos sobre relações de poder, discurso de ódio, racismo estrutural não com o intuito de resolver um problema tão grande como o racismo no Brasil, ou talvez um dia haja solução, mas para dar margem à discussão com o objetivo de educar para uma conscientização do processo de racismo estrutural e discurso de ódio para que, pelo menos, suas práticas sejam combatidas cada vez com mais ênfase e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. P. dos R. de et. al. **Paradigmas Contemporâneos da Ciência da Informação**: a recuperação da informação como ponto focal. Revista Eletrônica Informação e Cognição, v.6, n.1, p.16-27, 2007. In: DIAS, C. C. A análise de domínio, as comunidades discursivas, a garantia de literatura e outras garantias. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 2, p. 17, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92174>. Acesso em: 01 jul. 2023.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e Análise do Discurso**: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, p. 129-144, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I. A Estilística**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?**: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Direito Público, Porto Alegre, ano 4, n. 15, p.117-136, jan./mar. 2007

CUNHA, D. A. C. **La construction des points de vue dans les commentaires des lecteurs de la presse brésilienne on line**. In: CARCASSONNE, M. et al. Points de vue sur point de vue. Un essai de réflexion collective. Limoges: Lambert-Lucas, p. 169-215, 2015.

CUNHA, D. A. C. **Le fonctionnement des commentaires des lecteurs sur les sites du web** », dans F. Sullet-Nylander, M. Roitman, J. M. López Muñoz et L. Rosier (éds),

Discours rapporté, genre(s) et médias, Département d'Études Romanes et Classiques, Stockholm University, p. 59-73, 2014.

CUNHA, D. A. C. **Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia**. Calidoscópio, v. 11, n. 3, p. 241-249, set/dez 2013.

DE FREITAS, A. F. R. **Palavra**: signo ideológico. Universidade Federal de Alagoas, 1999.

FARACO, C. A. **Bakhtin e filosofia Bakhtiniana**. São Paulo, 12(2):45-56, Maio/Ago, 2017.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. **O problema do conteúdo, do material e da forma na atividade verbal**. Em. Bakhtin, polifonia e dialogismo / Beth Brait (org.). São Paulo: contexto, 2018.

FERREIRA, M. T. B. **A Linguagem e os processos de enunciação, dialogismo e polifonia**. Olhar de professor, v. 7, n. 1, p. 67-75, 2004.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MUNIZ, C. R. **O signo linguístico em Bakhtin**. 2000.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Ed. 2. São Paulo: Editora 34. 2018.